Fiction (Brazilian)

ROMANCEIRO

(Netto)
NQWF

Collecção Alva

COELHO NETTO

Romanceiro

RIO DE JANEIRO
LAEMMERT & C. — Rua do Ouvidor, 66
Casas filiaes em S. PAULO e RECIFE
1898

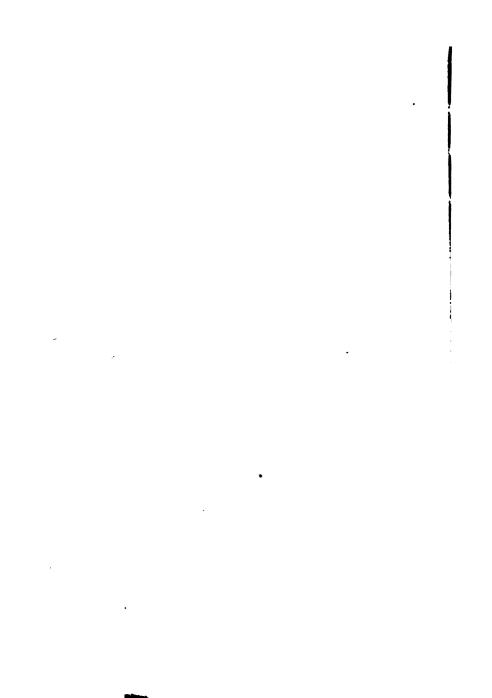
I. Passionarias

II. Idyllios   *III. Natal dos tristes*

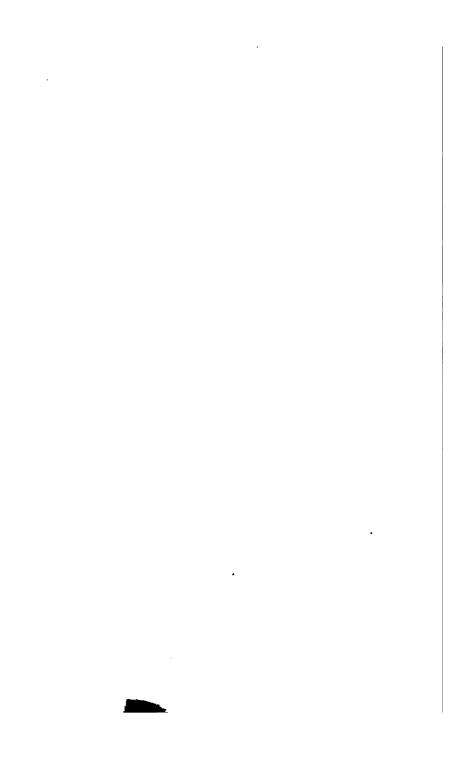
IV. Romances   *V. Novellas*

I. Passionarias

II. Idyllios   *III. Natal dos tristes*

IV. Romances   *V. Novellas*

FRAGMENTOS DO JORNAL DE UM NOIVO

1

I

Foi á luz pallida de um limpido luar de Abril.

Fallaste, que me disseste? Já te não lembras mais: phrases vãs, sem amor. Amor? nem tal podia haver — era a primeira vez que viamos os nossos olhos. Mas, como explicar o estranho caso de haveres ficado, desde então, indelevelmente viva nas minhas pupillas como o arbusto que nasce á margem dagua clara fica, por toda a vida, nella reflectido?

Foi á luz pallida de um limpido luar de Abril.

Na varanda, sob um jasmineiro em flor, conversavam senhoras e senhores, quando a tua pequenina mão, tremula e fria, escondeu-se em minha mão como se esconde a estrella em uma nuvem. Nada disseste e

eu, se palavras disse, não recordo, entretanto foi como se eu te ouvisse affirmar, diante de Deus e para o sempre: amo-te!

E tu, ainda hoje quando te pergunto se te lembras da primeira vez em que nos fallamos desvendando os segredos dos nossos corações: — Sim, dizes, lembrando essa maravilhosa noite de mudez — foi á luz pallida de um limpido luar de Abril.

II

E' pontual, disse minha amada sorrindo.

Cabia-me o cumprimento porque, justamente á hora determinada para o primeiro encontro, eu me achava ao alcance dos seus labios.

— Pontual, affirmei, beijando-lhe as mãos delgadas. Possuo um regulador sem igual em todo o mundo. E' possivel que, ás vezes, se adiante ainda assim não o troco pelo famoso relogio da torre de Strasburgo. Trago-o sempre commigo, todavia foi necessario que me apparecesses para que eu descobrisse o valor inestimavel dessa preciosidade.

Nos labios de minha amada lindamente desabrochava um curioso sorriso. Sem lhe deixar as mãos continuei fallando para os seus olhos : — Não pára, disse-me alguem

que ha um só meio de o fazer parar. Fitei-a com amor e, enternecido, tomando-lhe as mãosinhas: — Mas tu has de ser minha sempre? dize...

— Sempre! jurou num suspiro profundo. Mas, a eterna curiosidade feminina...

— E tens comtigo esse regulador? Mostrà-m'o...! pediu.

Pousei a sua pequenina mão sobre o meu peito. — Sentes?

— E' o coração, disse com os olhos risonhos.

— E' o meu regulador. Não pára nunca a menos que tu... e, beijando-lhe as mãos, ia para dizer-lhe palavras que a maguavam quando, a rir, ella acudiu, muito vermelha:

— Por isso! Ah! bem me parecia... Por isso é que accordo agora tão cedo! Ah! bem me parecia... por isso é que me não chamam mais a preguiçosa... E, emquanto eu lhe beijava as petalas dos dedos, ajuntou jocunda: — Acertei o meu coração pelo teu; é elle que me accorda tão cedo e que me não deixa dormir. Por isso... por isso... Ah! bem me parecia!

III

Sorriste quando te disseram que eu velara á noite, melancolico.

Choraste sabendo que eu depois sorrira. Amor, explica-me a razão dessa contradicção singular.

Ciumenta cruel, sorriste porque percebeste haveres sido a causa da melancolia funera da vigilia. Veiu sentar-se á minha cabeceira a visão indelevel de meus olhos: tu. E, pensando em ti, no isolamento, achei a tua imagem em minh'alma como um amuleto mas... e teus olhos? e o teu sorriso?

Choraste quando sorri... Pensaste, talvez, que uma nova alegria illuminara meu pobre coração... e foi. Adivinhaste, noiva presaga, adivinhaste. Sorri, e era quasi

manhã: vinha nascendo a luz. Expirava o tempo do meu desterro, eu vinha ver-te, vinha de volta ao ninho.

Ciumenta cruel e incoherente que sorri quando eu soffro, que chora quando eu sorrio.

IV

Os astros claros moram no remoto céo e a luz, entretanto, desce a alumiar-nos e segue-nos a toda parte, tão longe o sol e o dia de ouro explende. Tão distante o plenilunio e o luar prateia e suavisa a noite. As estrellas além e rutilam em todas as retinas dos namorados. E o amor é como a luz dos astros...

Longe, longe, ás vezes, de mim pensas, talvez, que a luz dos olhos teus não me acompanha? segue-me, e ai! de mim se me desamparasse. Céo é teu rosto e astros são teus olhos... Dá-me (e não te peço mais), dá-me a bemaventurança do teu coração, que é o Paraiso, guarda minh'alma dentro delle... Se á crença é mister a prece, teu nome não me sae dos labios, nelle resumo toda a minha fé, a minha inteira esperança nelle se resume. Delle sómente faço a minha oração de amor... delle somente, de teu nome apenas.

V

Não podes comprehender o texto santo, ris das palavras biblicas, emtanto não ha verdades mais limpidas do que as que foram escriptas pelo patriarcha do exodo.

Perguntas como poude o Senhor tirar das trevas a terra e os astros, os astros principalmente, rutilos, resplandescentes. Queres a explicação do mysterio? cerra as paginas da Biblia e mira o teu rosto no crystal do espelho.

Teus olhos... O Cháos, de certo, não era tão escuro. E' possivel que exista maior treva? Dize, já viste noite alguma comparavel ás tuas pupillas? Emtanto, repara como scintillam, vê quanta luz expandem. Teus olhares, teus olhares... que luz d'astros ha mais fulgurante?

Se o meu amor arranca dos teus olhos tanta luz, porque duvidas de que Deus houvesse do Cháos tirado o sol das madrugadas e as estrellas das noites?

Que maior treva queres, meu amor, do que a dos teus olhos e que mais astros queres do que as tuas luminosas pupillas?

VI

Voluvel! Achas, então, que sou voluvel porque, de quando em quando, olho outras mulheres? Não, Ariella, não sou voluvel como dizes: olho-as com o grande orgulho de um triumphador vendo desfilar vencidas. Examinando-as, analysando-as cheguei á convicção de que sou o mais feliz dos homens porque sou amado pela mais bella das mulheres.

Como queres tu que eu prefira ao céo dos teus olhares, como queres tu que eu prefira á tua bocca immaculada, olhos sem lume das que me não conhecem, bocca por onde têm viajado tantos beijos e onde tem feito oasis tanto labio?

Como queres que eu te esqueça por outra se és minha, Ariella, inteiramente

minha, como minh'alma é tua e para o sempre tua ?

Voluvel, sim. Minh'alma é voluvel porque nunca está commigo: vou encontral-a sempre — ou nos teus olhos ou nos teus cabellos, volteando voluvel e fremente em busca de tua alma no adyto do teu coração.

Voluvel porque vario de hora em hora. O amor, no meu coração, sobe como a luz do dia, cada vez mais ardente e mais impetuoso.

Voluvel, sim, porque o meu amor não pára. A culpa é tua que me enlouqueceste e me fazes andar de sonho em sonho ou da esperança para o desespero e outras vezes amor, minha Ariella, do desespero para a esperança.

VII

— Delicioso aroma! disse alguem tomando-me das mãos o lenço que eu trazia. Delicioso aroma! Achei curioso. Eu, nesse dia, não perfumara o lenço. Para convencer-me, aspirei-o tambem e sahiu-me expontanea a mesma exclamação:—Delicioso aroma!

E pensei. Teria eu mesmo perfumado o lenço? não, com certeza. Demais, aquella essencia tão delicada, tão subtil, tão branda, jámais eu possuira. Que flor teria tão estranho aroma..? Não me constava que tal flor houvesse; entretanto, por força, ella existia.

De repente lembrei-me: — Meu lenço, nesse dia, roçara brandamente pelas rosas do teu rosto.

VIII

Lagrimas!... lagrimas!... lagrimas!... Sê misericordiosa! Suspende esse sinistro diluvio para que não pereçam os dous mundos luminosos. Não chores mais.

E attende, formosa... nota que tens os olhos lacrimosos fitos no meu rosto e eu nelles me reflicto. Vejo-me, atravez do chôro, no fundo das pupillas inundadas. Queres afogar minh'alma? porque é ella que vem á flor dos olhos espiar o motivo do teu pranto.

Vamos, não chores mais, estanca as lagrimas para que não succumba minh'alma que se debate no fundo dos teus olhos.

Graças!... Graças...! Teus labios adquirem a fórma curva do iris — são como dous arcos de alliança e o sorriso vem nelles, nelles revejo a paz.

Vão desapparecendo as lagrimas e vens repousar a fronte no meu hombro. Meu amor, meu bem supremo, repousa, arca onde viajaram através da agonia, todos os meus affectos e os meus sonhos todos; repousa como a arca patriarchal pousou no viso da montanha...

E os dous iris vermelhos, no céo do teu rosto, sellam a promessa de paz trazendo á minha afflicção, mais do que luz e esperança, pois vêm cheios de beijos e de aroma.

IX

Invisivel, impalpavel, forte e meiga como os anjos — é assim a alma, affirmam todos quantos têm estudado o lume vital do corpo.

Longe de mim o pensamento de contradizer as sabias informações da psychologia e os conceitos dogmaticos da crença, mas penso de modo avesso, discordo dos pensadores.

Invisivel a alma... Mas se eu vejo minh'alma sempre! se a tenho constantemente diante dos olhos, quer ella esteja longe, quer esteja commigo. Impalpavel... Deus meu! como a sciencia mente!

Eu, pelo menos eu, sou acariciado por minh'alma, que é meiga e forte como os anjos. Outros que acceitem as proposições dos sabios, eu não, repillo-as porque

minh'alma és tu, doce amor, e eu, formosa, tenho-te sempre commigo e, quantas vezes ficamos absorvidos, as mãos unidas, os olhos encontrados, sonhando? Impalpavel, invisivel a alma... Amai, senhores da sciencia, e dizei-me depois se não vistes vossa alma, se não a sentistes como eu vejo e sinto Ariella, o lume claro do meu coração.

Amai, que um beijo ensina mais do que todos os compendios. Uma bocca que se descerra é como um livro que se abre.

Mestres philosophos, aprendei nesse livro. Sabios, estudai nas paginas cor de rosa da bocca de vossa amada que tereis, como eu, a felicidade de ver e de sentir a vossa alma como eu vejo e sinto Ariella, minh'alma, quer ella esteja longe, quer esteja commigo.

X

Para que me seguisse a toda parte e sempre a protecção da Virgem deste-me a pequenina venera que trazias, dizendo-me: «Anda sempre com ella porque é benta.» E trago-a e hei de trazel-a sempre, porque, sinceramente o digo, repetindo as tuas palavras meigas: « E' benta... » E, como não o seria, Ariella, se continuamente teus labios ungiam-na de beijos, se continuamente a medalhinha estava no baptisterio purificador da tua bocca e morava junto ao teu coração, sobre o altar do teu seio, que é mais santo e mais puro do que as aras das capellas.

Trago-a e hei de trazel-a sempre commigo, a pequenina venera que trazias, e nenhum amargor me entrará n'alma, nem

mais a melancolia fará ninho em meu coração, porque tenho junto ao peito o escudo onde gravaste, com os teus beijos, o defensivo distico do amor, mais forte do que todos os exorcismos.

Mas, pensas que é a Virgem que me acompanha e me protege? Não, Ariella, quem me acompanha e me protege é o teu amor, querida. Tu é que és a Virgem das minhas rezas. Nas horas de saudade é o teu nome que minh'alma invoca, e, todas as minhas preces, que as faço de minuto em minuto, enchem-me de uma bemfazeja esperança e de um consolo benefico — mas não são feitas á Virgem, nem á medalhinha santa, são feitas ao meu amor, a ti, sacrario da minh'alma, senhora e dona de meu ser, porque és tu que me dás o sorriso — e o céo, que tanto ambiciono, não será a Virgem quem m'o dará, serás tu, formosa, serás tu, querida.

Entretanto, para obedecer-te, trago e hei de trazer sempre commigo a pequenina venera que trazias.

XI

Perguntas sempre : — « Quando estás distante, separado de mim por muitas leguas, sentes a saudade n'alma ? » Respondo-te sinceramente : — Não ! A distancia, não creias que separe, o que separa é o esquecimento.

Tem-se saudade dos que já não vivem, dos que já se não vêem. E como queres tu que a saudade me punja se estás sempre em meu coração, se nelle vives como se fôras uma parte delle?

Saudade, não, se tu vives commigo, se, a toda hora, sinto que palpitas em mim, dentro em minh'alma? A saudade, amor, é o fogo fatuo das venturas mortas, errante sobre o coração.

XII

Caminhavamos os dous, muito unidos, fallando baixo, tão baixo que as flores do caminho e as abelhas que procuravam anciosamente a tua bocca nada ouviram. Iamos vagarosamente compondo venturas, trabalhando em mil castellos, tu muito vermelha, eu pallido. Disseste-me tantas palavras, tantas palavras de felicidade que, francamente, cheguei a duvidar de ti.

Caminhavamos. Fallavamos no futuro e, quando trocámos o juramento sagrado de eterno amor, uma brisa traiçoeira levou as nossas palavras e, a fugir, as foi repetindo ás aguas, aos ninhos, ás flores, aos raios do sol, de sorte que todas as cousas ficaram sabendo que nos haviamos jurado amor eterno.

E tu, muito vermelha, d'olhos baixos, disseste : — Quantas testemunhas !

—Quantas testemunhas! repeti sorrindo.

De sorte que, se me trahires, as flores, as aguas correntes, os raios do sol, os passaros correrão a dizer-me : — « A tua amada trahiu-te... A tua amada trahiu-te... »

XIII

De onde vêm as lagrimas ? Curiosa ! de onde vêm as lagrimas ? !

Ha duas versões. Faze tu mesma a escolha e acceita a que te parecer mais bella.

Vêm da alma para uns, para outros vêm do coração. A alma venturosa tem o sorriso que é a luz ; a alma soffredora tem a agonia, que é a treva. A noite desfaz-se em orvalho, a melancolia desmancha-se em lagrimas. As flores vivem do rocio nocturno e a poesia desabrocha afflorada pelo pranto. Entre uma gotta que roreja a corolla e uma gotta que humedece a palpebra ha a affinidade da origem: ambas baixaram da sombra, em ambas, porém, fulgem rebrilhos: de estrellas, na gotta de orvalho ; de pupillas, na gotta de lagrima.

Outros dizem: vêm do coração que é uma clepsydra, relogio sempre a marcar as horas do longo dia e da noite longa, instilla, gotta a gotta, os minutos de agonia. Pela quantidade do teu chôro podes saberquanto por mim soffreste. Dá-me as tuas lagrimas que eu te direi o tempo exacto que me dedicaste. Lagrimas são as gottas da ampulheta aquatica : o coração, clepsydra mysteriosa. Choras, é o teu coração que marca o tempo da agonia : cada uma gotta de lagrima que róla representa um minuto de magua já soffrida.

Achas pequenino o coração para conter tantas lagrimas, pois ouve e guarda esta verdade triste : — Mais depressa encontrarás o leito do oceano enxuto do que um coração esteril de lagrimas. Cada um de nós traz dentro de si o aqueducto do soffrimento que abebera os olhos e dessedenta a alma.

Lagrimas... lagrimas... Fallemos do teu sorriso.

XIV

— Não te assustes, espera. E minha amada tremia.

—Vê bem... vê bem! implorava, quasi a chorar, tremula e pallida. E eu, a procurar nos seus cabellos abundantes a scentelha que se havia desprendido da estrella cadente que passára, em vôo, no espaço, acima das nossas cabeças unidas, quando passeiavamos juntos pelas estreitas e perfumadas ruas do jardim florido. Vê bem...

E o coração de minha amada, feito para estremecer de amor e não de susto, pulsava precipitado. Ah! por que lhe foram dizer tamanha mentira... uma scentelha de estrella! Todos cercavam-n'a carinhosamente.

De repente, alguem, junto a mim, alguem que, desfazendo a cabelleira farta,

procurava commigo a scentelha siderca, rio e riram todos e minha amada, sem saber por que, desatou a rir tambem.

Mostrei-lhe a scentelha temida:—Um pyrilampo, amor ; um inoffensivo pyrilampo. E' o insecto da noite, procurou a treva e achou a dos teus cabellos... que melhor ? A culpa é tua, unicamente tua — trazes a noite comtigo e os pyrilampos innocentes podem lá saber que essa treva é a tua cabelleira ? Deixa o pobresinho para que te illumine os cabellos ; a noite é dos astros e dos vagalumes... e dos beijos, murmurei baixinho.

XV

Perguntando-lhe eu de quem ouvira palavras taes baixou os olhos sorrindo e balbuciou: «Nunca as ouvi de labio algum, tirei-as do coração.»

O apologo do ciume nasceu na alma de minha amada como o perfume nasce na corolla da flor. Ve lá, sizuda Critica, se lhe pões as mãos em cima — o que encontras aqui não é da tua alçada, cumpre o teu fadario mas não exorbites: isto não é litteratura, é um carinho. Ouve, como eu ouvi uma noite, emquanto a chuva do inverno fazia chorar o arvoredo; ouve e passa:

« O principe agoniza.

Leves, cautos, mansinho, os passos mal se accusam. Qual foge a correr, qual a

chorar — um que conduz os balsamos, outro que precede os magos... e passam, num desferir de sombras, mal um fremito fica quando passam; não murmuram palavra, apenas os olhos fallam.

Choram: lagrimas brilham nas lages dos corredores. O silencio é quasi absoluto. As aguas dos rios foram desviadas para que o murmurio não perturbasse o somno do moribundo. Os passaros, tomados em grandes redes, foram transportados para longe. Apenas o vento triste soluça nos tristonhos cyprestes.

O principe agoniza.

Arautos percorrem as terras vastas do reino promettendo cargas de pedrarias, minas absconditas de ouro fulvo, harens de formosuras, provincias com os seus haveres e habitantes a quem salvar da morte o principe moribundo e ninguem ousa disputar offertas taes.

Pelas tendas e pelos palacios os subditos balbuciam: « O principe agoniza... Pobre princeza noiva!.. »

Pobre princeza noiva que não deixa o beiral do leito amado. Quem salvará seu noivo?

Correm magos e solitarios, therapeutas e marabutos e a morte não se arreda. Subitamente pagens e janizaros precipitam-se na camara merencorea annunciando que uma formosa mulher bate ás portas do palacio promettendo a vida ao moribundo.

— Que entre e asinha! Que entre a salvadora! E a guarda funeraria abre caminho á peregrina estranha. E' formosa, maravilhosamente formosa. Velhos soldados hirsutos murmuram á sua passagem: — Não é mais linda a estrella da manhã.

Abre-se a cortina do leito: o principe, livido, os olhos amortecidos, as mãos crusadas no peito, mais branco do que os linhos alvos, é quasi cadaver frio. E a princeza soluça:

— Trazes a vida, linda peregrina? indaga mas com ciume, porque, através das lagrimas, seus olhos vêem e admiram a graça e a formosura da estrangeira.

— Trago-lhe a vida, diz a mulher formosa. E os olhos do principe reaccendem-se e fulgem. Basta que meus labios toquem de leve a polpa dos seus labios e logo despertará no seu coração a vida que crepita.

A princeza estremece e o principe estremece. Pasmam todos de vel-o revivendo e a peregrina, desnastrando os cabellos, vai a mais e mais ganhando maior graça. Já seus braços nús recurvam-se, brancos como dous crescentes, aureolando a cabeça desfallecida; tremem-lhe os labios, accendem-se-lhe as pupillas; vai a pousar a bocca sobre o labio morno do principe que morre quando a princeza, assomada em ira, investe repellindo-a:

— Não! custe-lhe embora a vida! Custelhe embora a vida! Nunca outros labios sentirão o sabor do seu beijo.

Expulsa a peregrina. Logo a morte envolve em silencio e em frio o corpo do seu noivo.

— Antes a morte! profere a princeza em soluços e, para acompanhal-o na grande nupcia, abre no peito, com o ferro dum punhal, o caminho da morte.»

....

— Se a minha vida dependesse de outros labios, dize, terias a coragem da princeza cruel?

— Antes a morte! affirmou a minha amada chorando.

IDYLLIOS

DUVIDA

Deus meu, pois é possivel que não tenha comprehendido ainda? E' possivel que, ao passar por mim, não ouça as pancadas fortes do meu coração? Emtanto se lhe tomo a mão acho-a sempre impassivel. Jámais estremeceu dentro da minha essa pequena mão que devia dar aos meus labios, já que a bocca recusa, o beijo de misericordia.

Olho-a quando a vejo distrahida, olho-a; mais duma vez seus olhos me têm surprehendido nessa contemplação sem, todavia, demonstrarem ter percebido o que se passava em minh'alma. Que hei de fazer para que ella saiba do meu amor? Como dizer-lh'o? Se a vejo andar, sigo-lhe os passos, as flores de que ella falla são as minhas flôres, o que ella festeja eu amo... Deus

meu, pois é possivel que não tenha comprehendido ainda?

Sem vel-a, sinto a ausencia de mim mesmo, falta-me tudo e tudo me aborrece... mal a encontro estremeço e soffro mal a encontro. Penso em evital-a, penso em esquecel-a mas, esquecer a vida é quasi um crime e ella, força é dizel-o, é a minha vida.

Tudo tenho tentado: quando ella falla, inclino-me para ouvil-a e, se a vejo em silencio, os olhos baixos (ó presumido coração!) chego a cuidar que ella, indifferente e fria, pensa em mim.

Deus meu, que hei de fazer para que ella me comprehenda?

Seu nome não me sae dos labios, não o pronuncio alto, aspiro-o, levo-o á minha alma, como um canto, para acalental-a e, no meu coração, como em um berço, minha alma adormece embalada por esse canto. A's vezes tenho impetos de confessar-lhe tudo, olho-a, mas, encontro o seu olhar tão frio que... Deus meu, pois é possivel que não tenha comprehendido ainda?

A' noite o meu pensamento povoa-se com essa estatua: são os seus olhos, é a sua

bocca, são os seus cabellos, é o seu sorriso, é a sua voz, é o seu andar... como ha tantas seducções em uma só mulher e porque não tens força, coração, para resistir aos sortilegios desse formoso e desejado inferno? Vives na Thebaida do peito; faze-te forte, asceta; faze-te bem forte para que não te seduzam mais os seus encantos. Mas não, apenas ouves o seu passo, ficas submisso e humilde e, para que te contenhas, as mais das vezes, forças-me a evital-a.

Achou-me pallido e doentio, certa manhã, e fallou-me. Que lhe disse eu? não sei, já me não lembro. Melhor seria que eu alli mesmo lhe tivesse dito a razão da minha pallidez enferma.

Se eu lhe fallasse? Mas... quem sabe?! Quem sabe se ella, como eu, não soffre em silencio? Quem sabe se ella tambem não me procura n'alma o segredo que eu guardo dolorosamente?

Por vezes tenho surprehendido seus olhos negros fitos no meu rosto. Quem sabe se ella tambem, á noite, recolhendo-se não terá, muita vez, soluçado fremente: —Deus meu, pois é possivel que não tenha comprehendido ainda?

PSALMO TRISTE

Olhos azues, olhos serenos — extinctos, sem mais brilho! Sei bem porque não tendes mais fulgor... Foram as estrellas do céo, as ciumentas estrellas, que pediram ao bom Deus que vos extinguisse.

Pobres olhos azues sem claridade!

Faces, faces lyriaes, brancas e immaculadas, sei bem, sei bem a origem dessa pallidez marmorea... Foram as rosas ciumentas que pediram ao bom Deus que fanasse as rosas que tinheis d'antes, faces lyriaes, brancas e immaculadas...

Harmonias da voz, dulias de harpas suavissimas, hymnos da bocca cor de rosa, calastes-vos... Sei bem, sei bem porque! Foram os ciumentos gaturamos que pediram ao bom Deus que vos calasse...

Louros cabellos, louros cabellos preful-gentes, sei bem, sei bem porque os coveiros vão esconder-vos na terra profunda! Foram os raios do sol que, de ciume, pediram ao bom Deus crime tamanho...

Dobra a finados, triste, funerario, um pobre coração. Sei bem porque lastimas, sei bem porque, maguado coração! Soffres porque o bom Deus ciumento, vendo tamanho amor na terra, levou para o Jamais immoto o coração que era o teu relicario...

LAUS VENERIS

Brusco, lesto, vibra e tine o relogio. . e nada mais.

Em frente, impassiveis, o céo oculado de estrellas e o mar afflorado de espumas.

O céo placido, o mar manso... Será meu coração maior do que elles ambos?

Sinto muito mais luz dentro em mim, muito mais luz do que existe no céo, porque surges, na minha saudade viva, núa, palpitante, rindo: e o tumulo do meu coração é bem maior do que o chofrar perenne do oceano.

Porque não vens? O tempo vôa... Ha duas anciedades irmãs: a do moribundo e a do amante — esperar a morte, esperar a vida... Que terá acontecido?!

Batem á porta delicadamente: tres pancadas, tres... Corro precipitado...

Oh! que cortejo, Deus! As princezas das terras levantinas não trariam divicias mais preciosas. Entra um suavissimo perfume, volatilisa-se, evola-se, toma todos os cantos, e a alcova inteira fica num ambiente cheiroso. Oh sensualissimos labios! aromalissima bocca que apenas um vocabulo disseste, um só, meu nome! e a alcova inteira guarda o echo da tua palavra, que é o aroma.

Sol nocturno—e neve ao mesmo tempo, e estrellas, e rosas... que promiscuidade de astros e de flores! E' a tua trança loura, são as tuas faces, são teus olhos, é tua bocca e, por fim, o supremo triumpho, o Laus Veneris encarnado, tu! que atravessas, como uma deusa, o limiar do meu retiro, cheio de ancia de amor...

Meu Deus! não ha tanta luz nem tanto aroma em minha alcova, de manhã, quando abro, ao sol, as portas de par em par...

Oh! volupia dos olhos! Flamma subtil das lúcidas pupillas! que claridade, que divino extase concentras, que bemfazejo calor prodigalisas!

Olhos, astros do amor! astros sensuaes do céo dos beijos salve! salve! salve!

A CEREJEIRA

Tiritam no fundo da cabana, muito aconchegados, rosto contra rosto, as mãos nas mãos, emquanto o vento cruel contorce as ramarias e guincha pelas florestas funereamente. Uivam de frio e pavor os cães das herdades longinquas. Ha lamentos errantes. Longe, as arvores parecem esqueletos embrulhados em compridas alvas. E os dous, unidos, tiritam num canto humido da cabana, sem lume, sem cobertura.

Emtanto, podiam fazer fogo confortavel, e o homem, se quizesse, sem andar muito, teria lenha para todo o inverno. Perto da cabana havia uma grande cerejeira, a maior do logarejo. Dous ou tres galhos bastariam para aquecel-os—e que bom que é o cheiro do páo da cereja quando é resinoso!

Apezar das fallas da mulher, o homem não se movia, preferia passar a noite inteira ao canto, tiritando, transido, quasi a morrer gelado, a ir cortar um ramo da arvore. E, a todas as instancias da companheira, respondia com taes palavras:

— A cerejeira não! Já te não lembras? Foi á sua sombra, debaixo dos seus ramos que, uma tarde, trocámos o primeiro beijo. E depois, quem nos dará flores quando o inverno fôr, quando voltar a primavera azul? Quem nos dará flores? Quem recordará o nosso noivado? A cerejeira não... a cerejeira não...

E recomeça na sombra o trepido bater de dentes.

MEU TUMULO

Quero eu tambem ter o meu tumulo. Vou mandar construil-o de granito e de marmore para que a clava do tempo o não destrua. Quero-o bem alto, tão alto como as pyramides, para que venham pastores com os seus rebanhos repousar á sombra dos seus muros.

Em torno, chorando, as aguas tristes de um rio e salgueiraes, em desalinho pungente e cyprestes altos, de lucto, firmes como eremitas extaticos, fazendo alas funeras.

O interior resplandescente como uma nave de igreja. Nichos, ao longo das muralhas, guardarão santamente os meus primeiros sonhos, as minhas ultimas

esperanças e, num grande altar lapidario, num tabernaculo, o meu Ideal que ninguem jamais poude descobrir, o meu Ideal, mysterioso como a face magnifica de Isis que o véo denso ainda esconde.

Arderão, em tripodes de ouro, abrazados em chammas de amor insaciado, corações de vinte annos e o teu coração, minha amada, irá para junto do meu corpo como esse symbolo da Alma immortal, o escaravelho, que os egypcios deixavam junto das mumias adormecidas.

Uma grande lage, pesada e grossa, fechará a entrada para que não penetre o sol nem os olhares dos homens penetrem desvendando os mysterios da Morte.

Levarei commigo todas as minhas canções jocundas e tu, sempre querida, não esqueças na vida os teus sorrisos, tral-os para encher com elles o nosso eterno palacio — serão as aves do amor, as aves da primavera infinita. E não chores a minha morte para que teus olhos não fiquem esmaecidos, porque os quero ver claros, lúcidos, brilhantes, porque havemos de os utilisar como alampadarios nessa treva silente do sepulchro.

NATAL DOS TRISTES

O CEGO

(*Palavras textuaes*)

«Não vemos, temos a allucinação da vista, um sonho permanente. O nosso horisonte está em nossos proprios olhos — é uma muralha de sombras, mas o que toda gente consegue com a vista nós conseguimos com a imaginação. Imaginar é ver. Somos encarcerados e povoamos o nosso carcere, onde não entra um raio de sol, com o ideal.

Temos certeza de que as fórmas que creamos intimamente não são as verdadeiras, mas satisfazem-nos. Nascemos na prisão, ouvimos fallar do que ha lá fóra e desejamos ver. Temos a curiosidade que

é, para o cego, o mesmo que é para o grilheta o instincto da liberdade.

Uma estrella, o sol, a flor, os olhos de uma mulher que, em torno de nós todos acclamam, serão mais bellos na realidade do que os imaginamos? Mas, que é a belleza? perguntareis. Que é a belleza senão o resultado da visão perfeita? A belleza é imaginaria. Nós outros temos as nossas bellezas tenebrosas.

Sentimos e tanto basta. Para o goso temos o tacto, temos o olfacto, temos o ouvido. Que nos importa a côr da flor se lhe sentimos o perfume e a maciez da petala? Que nos importa não ver o oceano se ouvimos a sua grande voz? Que nos importa não ver a paizagem se sentimos o aroma sylvestre das hervas, se ouvimos o mugir do gado, a canção do camponio, o murmurio das aguas que regam as terras?

E as estações... Julgais que não as conhecemos? melhor que vós as conhecemos. Dizemos sem errar, quando vem do oriente a primavera, quando do zenith desce o estio, quando da terra sobe o outono maduro, quando nos chega o inverno

do occidente triste. E mais do que vós amamos a Natureza — ella, para nós, tem os mesmos mysterios que tem Deus para vós outros.

Sois cégos diante da Providencia e viveis imaginando o Eterno sem nunca o sentirdes senão em manifestações que lhe attribuis... menos felizes que nós que amamos a Natureza e que a sentimos sempre em dupla existencia real e imaginaria.

Podeis ver o Deus cujo nascimento festejais? onde o vêdes senão n'alma? nós tambem n'alma o podemos ver.

Cantais em torno do imaginario, a vossa festa é um sonho. Quem sabe se não é mais bello o que sonhamos?

A musica que ouvis, ouço-a eu tambem. Que importa a fórma do instrumento se a sua voz é que me delicia, e assim, sem que o veja, chego a pensar que vem de longe a sonata, que são anjos que dedilham harpas mysteriosas, e goso ouvindo e sonhando.

O amor, direis... o amor reside no coração. Que importa ao cego o rosto da sua amada, se o rumor do seu passo, a melodia da sua voz, o perfume do seu halito

bastam para delicial-o? Ver é sentir com os olhos; os cegos vêm com o coração. O vosso mundo é, talvez, inferior ao que sonhamos: sem chagas, sem podridões. Só sei de uma cega que chorou porque era cega — foi no dia em que lhe nasceu o primeiro filho.

O SURDO-MUDO

E vê o filho da cega — o dia é claro e vem de dentro da noite — vê o filho da cega, antes não visse. De que lhe serve ter vista se não falla, se não ouve?! Para elle a Natureza está morta porque nella só ha silencio. Move-se a palma do coqueiro, elle, porém, não ouve o farfalho; canta a cigarra do estio, elle não ouve o canto. Ainda assim é feliz, não o lastimeis.

Imaginai a sua dôr se ouvisse — succumbiria como um animal que andasse sempre a receber carga sem nunca poder alliviar-se della.

E' um edificio fechado onde não entra ninguem, de onde ninguem sae; pelos olhos, como por duas janellas abertas, passam apenas os raios do sol que illuminam o silencio.

Elle ahi está parado, diante de vós, vendo-vos em festa. Nem ouve nem falla — olha: é um sepulchro com duas velas accesas. E sorri, sabe que festejais o Natal de Deus, sabe porque leu, conhece a lenda porque a viu nos livros, porque a palavra dos livros entra pelos olhos como os raios do sol, a palavra dos livros é como essa poeira que anda na luz.

Eil-o festejando comvosco o nascimento de Jesus e contente, apezar de surdo, e contente, apezar de mudo — basta-lhe a vista para que gose: vê a flor e sente-lhe o perfume. Não ouve, não falla, mas quem sabe se a sua alma não tem vozes mysteriosas e palavras mysteriosas? Quem sabe se, emquanto cantais, dentro do coração do surdo-mudo, como em um côro, anjos não cantam? Elle que sorri é porque é feliz.

O LEPROSO

Encolhido no lar, longe das gentes, canta. A pelle roxa tressúa, os olhos se lhe encovam — é uma mandrágora viva. A lepra já lhe vai roendo os dedos, os labios, as palpebras, as orelhas, e elle, vendo-se aos poucos destruir, soffre calado ou geme solitario.

A fonte amiga é um espelho — sempre que a sede o leva ás aguas claras, a sua sombra nas aguas o repelle. Os que passam desviam os olhos delle, as esmolas lhe são jogadas, a propria Misericordia tem repugnancia — ninguem o procura, os cães evitam mordel-o, mas o sol, todas as manhãs, lá vai ao seu monturo e afaga-o... o sol apenas, esse não tem nojo e tanto basta ao infeliz para que ame a vida.

Agora mesmo elle lá está, sentado e humilde, mas contente. Ouviu o canto do gallo e, ouvindo, ergueu-se: Jesus nascia!

Ah! tempos idos, quando, ainda limpo, caminhava ao fresco balsamico das manhãs para a pequena ermida, em companhia das moças do seu lugar... Ah! tempos idos! Emtanto não maldiz. Eis chega o sol que o não esquece, devem vir esmolas porque todos solemnisam a festa natalicia do bom Deus dos pobres, acudindo aos pobres do bom Deus. E o leproso canta. Tem um resto de azeite, mas, como nem sequer a imagem do Senhor possue, accende a lamparina, deixa-a a um canto, porque Jesus bem sabe que é em sua honra que aquella chamma brilha.

Que lhe importa o abandono em que vive? não estão alli as arvores verdes, as aguas claras, o céo azul, as borboletas, os passaros, as flores? não lhe estão chegando aos ouvidos chagados os cantos alegres dos que celebram a festa nos presepes? Não estão seus olhos espiando pelas frinchas dos muros da cabana os grupos que passam jocundamente? Ah! que ella não passe, a que elle amou! que ella não passe

pelo braço de outro para que o ciume, peior que a lepra, não lhe rôa o coração.

Busca outro caminho, moça formosa, mesmo que te prolongue a viagem, sê misericordiosa, ao menos hoje, dia de Natal, para que se não desvaneça a alegria do infeliz. Elle lá está ouvindo os sinos e os cantos, aspirando o perfume das flores sylvestres... Elle sangra por tantas feridas; sê misericordiosa! não queiras com teus olhos lindos apuar o coração miserrimo para que tambem sangre mais que sangue: lagrimas.

Natal: Gloria a Jesus menino!... canta o leproso solitario.

O LOUCO

Junto ás grades da cellula, agarrado aos varões formidaveis, o louco espia. Bem junto delle passam bandos festivos e cantam; elle ouve, escuta e fica extasiado. Um relampago illumina-lhe o espirito! Natal!

Como á claridade do relampago vê-se toda a extensão duma paizagem larga, á lucida reminiscencia destacada por essa palavra quanto não vê o infeliz? A infancia, a alegria domestica, as festas ruidosas, toda a sua gente em torno da mesa patriarchal fartamente servida: as crianças, com os cabellinhos louros, recebendo balas e brinquedos, os velhos satisfeitos, revendo-se nos filhos e nos netos, todos os cantos da casa enfeitados de flores, depois

a adolescencia, já logares vagos á mesa e novos tumulos nos cemiterios, depois a idade adulta, a esposa, um berço... Mas estava extincta a claridade e, como depois do flammejamento dos relampagos, a treva tormentosa cai mais densa e tonitroante de trovões, eil-o a bramir agarrado aos varões da grade da prisão, eil-o a uivar como uma féra que da sua jaula sentiu na leve bafagem um brando perfume de florestas... eil-o allucinado.

Porque fostes illuminar a sombra daquelle espirito? felizes, porque não levastes para mais longe a vossa felicidade? porque não passastes em passos surdos para que vos não presentisse o louco? E agora ahi tendes os vossos cantares interrompidos pelo alarido da insania. Elle dormia, porque o fostes accordar?... E agora vêde como o acalentam, vêde como lhe domam a saudade: com a camisola de força.

NOS HOSPITAES

Sala vasta, alas de leitos.

Lentas, mal roçando o soalho, passam com o pétaso alado, as piedosas irmãs de caridade — os rosarios, que são as correntes que as prendem ao sacrificio, vão tinindo ; aqui gemem, alli choram enfermos.

Uma leva a poção para o doente, vai outra levando o viatico ao que expira. Ha um sussurro de preces de mistura com o offego dos dyspneicos e o cheiro mystico, que vem da capella onde foi rezada a missa da meia-noite, ainda perfuma a sala.

Alguns, sentados no leito, as mãos cruzadas nocollo, elevam os olhos para o Christo crucificado que preside a enfermaria... contemplam o Christo ! fazem algum voto

silencioso ? não, recordam o passado : este o tempo da sua infancia na aldeia da patria para o sempre deixada ; esse a meninice trefega na provincia aonde nunca mais tornou... Que será feito de sua mãi, tão velha ? por onde andarão perdidos seus irmãos ?

Aquelle suspira passando a mão pelos olhos, é velho, bem velho, as barbas brancas rolam-lhe pelo peito magro... Aquelle outro, um rapazinho livido, enfezado, mergulha a cabeça no travesseiro e estrebucha de chôro.

O' piedosas irmãs de caridade, vêde quanto soffrimento deixais sem consolo, vêde quantos corações reclamam o balsamo das vossas palavras, vêde quantas lagrimas derivam dos olhos dos infelizes !... Ah ! tendes tambem os olhos marejados... sim, o cilicio não vos chegou ao coração, santas mulheres, tendes tambem saudade ! Natal ! Natal... Gloria a Jesus, misericordia dos desgraçados !

NO ORPHELINATO

Benção, viatico para a vida, lagrima, orvalho humano, nem benção nem lagrima tivestes, orphãos pequeninos. E, como podeis andar no mundo, almas solitarias ? e como desabrochastes, botões cahidos da haste ?

Eil-os todos, vestem roupas iguaes : é o uniforme do anonymato e a solidariedade da desventura como que deu a todos a mesma physionomia : são filhos da mesma mãi : a Caridade.

Vêde como estendem as pequeninas mãos num gesto humilde de quem pede esmola... e que esmola pedem ? a benção e todos os abençoam. Ah ! mas como lhes saberia mais a benção de uma só se essa não fosse morta, se essa não fosse ingrata !

Para a planta que nasce não ha rega melhor do que o orvalho do céo nem ha benção como a de mãi.

Donde vieram esses pequeninos ? não sabem : vieram da noite, foram apanhados nas sargetas das ruas, uma lufada atirou-os á roda dos expostos. Não têm mãi, não têm pai...

Os pequeninos mamam descuidados, os que já caminham andam agarrados ás irmãs de caridade, os outros brincam, os maiores pensam.

Natal ! hoje é o dia das crianças... Jesus nasceu nas palhas mas teve mãi que o beijou, teve mãi que o aqueceu ao seio e aos labios...

Não foi tão grande o teu martyrio, Christo, mesmo junto da cruz achaste a Dolorosa e esses pequeninos que, quando abriram os olhos, nada viram em torno, quando estenderam os braços nada acharam, quando vagiram enrouqueceram porque ninguem saiu a acalental-os senão os cães vadios que os lamberam mansamente achando-os frios ao relento da noite ?

E esses pobresinhos, Christo ? Emtanto brincam e cantam á sombra da arvore do

Natal, arvore que appareceu no dia em que nasceste e que fructificou regada pelo teu sangue, arvore santa, arvore do patrocinio, arvore paradisiaca da Misericordia que dá os fructos para os infelizes.

Natal ! Natal... Salve, Jesus infante consolador dos desafortunados. Hosanna ! Hosanna ! Hosanna !

UM CONTO

Na montanha...

Aladamente o pastor galgava os caminhos asperos que os eloendros perfumavam.

Nos valles, como se o luar se houvesse condensado, os lyrios brancos nevavam.

Nem orvalho havia, tão limpida corria a noite quando, repentinamente, rompendo o silencio dos ares, vozes entoaram um canto magnifico.

O montanhez, já tão perto da fonte que ouvia o murmurio d'agua, deteve os passos apressados, volveu os olhos em torno, por moutas e arvoredo, procurando os cantores, quando se lhe fecharam os olhos, offuscados por uma formidavel claridade. Pousou a amphora sobre uma pedra, esfregou os olhos e abrindo-os viu, com assombro, o espaço cheio de anjos.

Eram de nevoa e de luz mais claras e mais largas do que a estrada de astros as azas que distendiam. Cantavam dizendo que nascera o Senhor, Redemptor dos Homens, o Deus de Misericordia, annunciado nas prophecias.

Trescalaram fortemente os lyrios brancos dos valles, o sussurro d'agua fez-se musica, os passaros chilrearam em sonho, balaram, com alegria, os anhos nos apriscos e, das cabanas caladas, esparsas na montanha, irromperam festivamente alegres cantilenas.

« Acaba de nascer o Redemptor dos Homens. »

Ouvindo tal annunciação dos anjos, o pastor, tremulo, com lagrimas, ajoelhouse á beira d'agua limpida, encheu a amphora e partiu, montanha acima, caminho da caverna, soffrendo os impetos do coração sobresaltado, porque deixara a companheira prestes a dar á luz. O cão rosnou vendo-lhe a sombra, mas reconhecendo-o, festejou-o.

« Acaba de nascer o Redemptor dos Homens... »

Cantavam sempre nos espaços as vozes mysteriosas mas, apezar de serem de anjos,

não foram tão direitas ao coração do rustico como foi um vagido que sahiu da caverna. Dobraram-se os joelhos e a amphora esteve a ponto de rolar na terra, molhando-lhe os hombros porque mais de metade d'agua derramou-se. De olhos immensos, pallido, tremente, atravessou o limiar da caverna e lá estava a pastora, á luz duma fogueira, com o pequenino filho que nascera, aconchegado ao collo.

« Acaba de nascer o Redemptor dos Homens... »

Cantavam sempre no espaço as vozes mysteriosas.

O rustico fitou a criança extasiado e, dobrando os joelhos, murmurou, com lagrimas:

— Ouve o que os anjos cantam... e estendeu o braço para a entrada.

— Ouve! E a mulher acenou como a dizer que ouvia.

— E' Deus! disse o pastor. Ella elevou os olhos commovidos, e, dos olhos de ambos, copiosas lagrimas rolaram.

— E' Deus! disseram os dous, mas, repentina, outra voz atroou:

« Acaba de nascer o Messias que ha de morrer na cruz para remir os homens...»

Estremeceram ambos, e a pastora, rompendo em pranto enternecido, tomou nos braços a criança e, apertando-a, poz-se a soluçar dizendo:

— Ah! meu filho! meu Deus! meu primeiro filho! pois hei de, com meus olhos, ver-te padecendo morte tão cruel? Ah! meu bem amado filho.

Que fiz eu para ter destino tal? Que virtude tamanha é a minha para que assim merecesse tão altissima graça e que grande falta commetti para tamanha pena ?!

O pastor, para que ella não lhe visse as lagrimas, foi chorar á porta da caverna e chorava quando um cabreiro que passava disse:

— Acaba de nascer o Redemptor dos homens...

— Que ha de morrer em uma cruz, disse o pastor baixinho.

— Que fazes que o não vens ver? A gruta está cheia de anjos e não é longe daqui, é alli na estrada. Relampejaram de alegria os olhos do pastor.

— Não é aqui no monte então?

— E' alli na estrada. Podes vel-a daqui illuminada porque está cheia de anjos luminosos. E o cabreiro, levando o pastor á

rampa do rochedo, mostrou-lhe ao longe a caverna que resplandecia: Vês? foi alli que nasceu o Redemptor dos homens...

Não quiz mais vêr nem ouvir o pastor montesino e, deixando o cabreiro, tornou a correr pelos caminhos asperos e desde o limiar da caverna foi gritando:

— Não é Deus! Não é Deus! Não morrerá na cruz o nosso filho, não morrerá na cruz...! Deus nasceu além, na gruta da estrada que está cheia de anjos.

A pastora ergueu-se commovida e, vendo a alegria do esposo, sorriu e limpando as lagrimas, poude apenas dizer alliviada:

—Não é Deus... Antes assim...

E o pastor, num vivo contentamento, ajoelhado, admirando o filho, não se cançava de repetir:

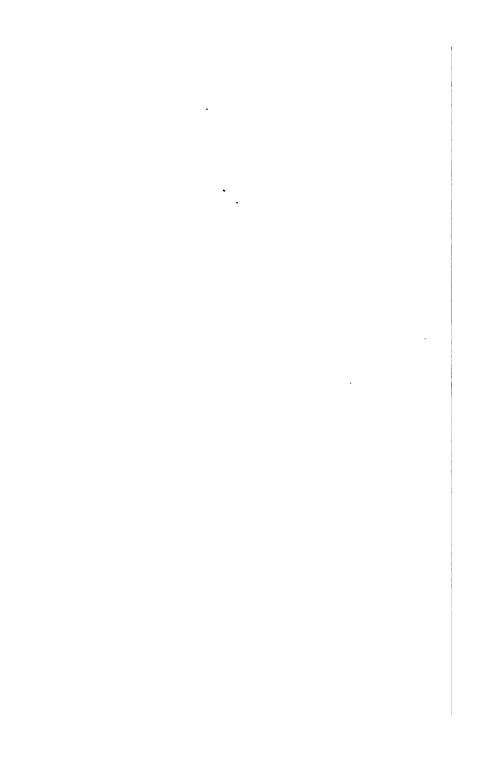
— Não é Deus! Não é Deus! não morrerá na cruz o meu amado filho.

E longe as vozes mysteriosas repetiam:

« Acaba de nascer o Redemptor dos homens... »

— Pobre pai! disse o pastor.

— Pobre mãi! disse a pastora.

ROMANCES

NA ESTRADA, AO SOL

E' larga a estrada e brilha ao sol. Vai por ella fóra, farnel cheio ás costas, olhos altos, no céo, a cantar, parodiando os gaturamos, um rapazinho louro; vem por ella, de cajado em punho, a taleiga vasia, um velhinho, tardigrado e tremente, desesperançado, d'olhos no chão, acompanhando a sombra. E o rapazinho, a cantar, dividindo o que leva com a terra, com as aguas, com a luz, com o passaredo, não vê que o seu farnel vai escasseando; e o velhinho, a tremer, as mãos engelhadinhas, a olhar, a olhar a larga estrada, em luz.

— Onde vais, louro infante?

— Além!

E o velhinho, a sorrir, triste e tremente: De lá venho eu assim como estás vendo...

— De lá vens, dizes com tanta magoa, pobre velho !... Não viste, então, as montanhas azues e as aguas de prata? não colheste, nas arvores, os fructos d'ouro, ou a dama que possuiste foi perjura e perversa...

— De lá venho, diz o velho, tão só e compassadamente.

— E onde vaes?

— Para o sitio d'onde vens : buscar descanso. Volta commigo, louro infante... Mais vale o fumo azul de uma cabana que a nuvem doirada que além passa... Volta commigo...

— Que! Tornar atraz? tornar ao mesmo sitio? Deliras, pobre velho... Vem tu commigo, anima-te!

— Eu!? E o velhinho, a rir, sem dentes: E que fazes? attenta no que fazes! Porque, a mancheias, desperdiças a fortuna que levas? Sê mais avaro, louro infante; guarda o teu bem, para que te não succeda, á volta, o que a mim succede: soffrer fome, soffrer sede, soffrer frio e o desengano.

— Pois não estás vendo, velhinho, que o que vou semeando rebenta em flôr e

trescala, surge do ninho e é canto alado, torna-se em arvore e dá fructo e sombra, enche a natureza toda de alegria?

— Tambem pareceu-me assim quando eu, como tu, tinha os cabellos louros; tambem pareceu-me assim, já me não parece agora. Alonga o teu olhar noviço: que avistas por lá, que avistas?

— Espinhaes, espinhaes, mais nada avisto...

— E que ouves, louro infante? Escuta...

— Pios d'aves tristes... nada mais.

— Foi o eu que semeei. A principio, como te succede agora, pareceu-me ver flores e ouvir trillos, e fui semeando, semeando: emtanto ahi tens: mochos e espinhaes, mochos e espinhaes... Torna commigo, louro infante! Aquillo que além avistas é perfidia. N'aquellas serras azues mora um feiticeiro maligno que se chama Ideal. Vai-se attrahido pelos seus sortilegios, vai-se e, quando, como me aconteceu, de lá se pode tornar,—porque o maior numero lá fica,—é assim, como me vês: pobre, o coração vasio como esta taleiga, e triste. Torna commigo, louro infante! E'mais doce do que o gorgeio do gaturamo a cantilena

de tua mãi. Tudo, por esta estrada longa, é illusão, é perfidia.

— Que importa? as montanhas d'alem são tão azues que parecem feitas de céo...

— Torna commigo ao teu casebre, infante! Tudo é illusão e perfidia. Eu de lá venho, das montanhas, e sei: torna commigo...

— Adeus, velhinho! Adeus, velhinho!

E lá vai, estrada fóra, farnel cheio ás costas, olhos altos, no céo, a cantar, o rapazinho louro. E o velhinho, vendo-o seguir, suspira:

— Pobre criança, desgraçado infante, como vai soffrer... Elle a querer ser velho e... (pobre de mim! e pobre delle!..) eu a querer tornar a ser criança!

MUSA

Musa... Porque não lhe sabia o nome, era assim que a chamava nos meus sonhos. O' creatura meiga! Nos seus olhos—olhos de sonhadora e de amorosa—tanto carinho havia, e tanta ingenuidade, que eu, muita vez, pensei beijal-os, mas como se beijasse as contas negras de um rosario bento.

E jámais nos fallámos, digo: jámais as nossas boccas se entenderam, porque fallar, não minto, bem que falláram nossos olhos. Todas as tardes, ao sol posto, ella sahia ao jardim—era a primeira estrella. Sempre de branco; os cabellos, uns dias, entrançados, uma trança sómente, farta e negra, outros dias soltos, pondo-lhe uma grande sombra pelo corpo. Joias, se as tinha, nunca as procurava, outras não vi nunca senão as

que trazia sempre no escrinio de coral da bocca pequenina.

Musa...!

Uma tarde, á hora acostumada da sahida das estrellas, da minha janella, os olhos alongados, eu esperava-a com ancia. Luziu uma estrella no céo... estranho caso..! Outra estrella, mais outra, milhares d'estrellas, a Via Lactea, a lua .. e ella? Comecei a impacientar-me. Subitamente a porta abriu-se, um vulto surgiu, e logo uma voz, de alguem que soluçava, disse:

— Das brancas! das que nascem perto do muro! foram sempre as suas preferidas...

E outra voz tremula respondeu:

— Das brancas... perto do muro...

Um presagio agitou-me. Inclinando-me procurei distinguir, ao luar, as feições de quem curvava os galhos das roseiras, soluçando. Era um velho, bem velho, já derreado. E chorava, e a tesoura, com estalidos, ia despovoando o roseiral viçoso.

— Que tem, visinho? perguntei. O velho deteve-se, ergueu a cabeça branca e, choroso, soluçando poude apenas dizer:

— Ah! meu senhor... Lavinia!...

— Lavinia!—pensei. Seria Musa?! E se fosse? porque tanto chôro? para que tantas flôres...?

Seria o seu noivado? Vesti-me ás pressas e fui á casa proxima.

Tudo em silencio... o unico rumor que eu escutava era o do meu coração. Bati; abriram.

Entrei, e, logo que appareci na sala, um sussurro correu entre os que estavam.

— E' elle... E' elle...

Sobre a mesa, de branco, os cabellos soltos, formando uma alfombra negra e ao mesmo tempo um véo de lucto, postas no peito as mãos pequenas, um sorriso nos labios, estava morta e fria... Musa. Estive a contemplal-a sem lagrimas, calado. O velho, soluçando, cobria-a de flôres e em torno, soluçavam. De repente, como numa tempestade, o pranto jorrou dos meus olhos abundantemente. E, de novo, ouvi que sussurravam :—E' elle... Chorei e, antes de retirar-me, baixei o rosto sobre a face fria e beijei-a, beijei as lapides das palpebras que escondiam, á minha vista, os olhos negros formosos, beijei as brancas palpebras geladas... mas como se beijasse

osculatorios, dentro dos quaes houvessem posto duas reliquias santas.

Mas, (ingrata fragilidade humana!) o que mais me preoccupou nessa noite de morte depois que deixei o corpo amado, não foi a saudade, não foi a lembrança de que jamais tornaria a vel-a, pobre Musa! O que me fez velar a noite, insomne, foi o sussurro dos que guardavam o corpo, essa phrase de annunciação mysteriosa que andou de bocca em bocca, emquanto eu, debruçado sobre a virgem eterna, soluçava:—E' elle!

CORAÇÃO MAREANTE

Enfermara o piloto e, como a bordo outro não houvesse conhecedor d'aquelles mares arriscados, grande foi o terror na fusta. Já o barco singrava sem governo, as velas bambas e a maruja cercava a maca onde o moço enfermo jazia, com a vida quasi extincta. O gageiro alongava os olhos anciosos sem divisar um ponto no horisonte — o céo fechava o mar e nuvens acastellavam-se annunciando procella.

Alguns, mais timoratos, sentindo a morte proxima, querendo acabar em graça, porque não esperavam salvamento, andavam pelos cantos escondendo o medo e balbuciando rezas e promessas, outros, ainda com animo, iam, de instante a instante,

perscrutar a distancia e tornavam suspirando.

O mar encapellava-se e turgido, espumoso, fazia andar a fusta aos trancos sobre as ondas. Já os vagalhões assaltavam as bordas quando o moribundo, fazendo um grande esforço, chamou para junto do leito os companheiros.

Acudiram todos precipitados julgando que a vida lhe voltára, mas, o mancebo, ajuntando todo o alento, poude apenas dizer enfraquecidamente :

— Não desespereis. Em verdade já vos não posso levar em rumo da patria mas, deveis saber, vós outros, meus companheiros, que, desta volta dependia a minha ventura porque alguem me espera em terra com o mais leal dos amores. Bem sabeis que sou noivo.

A maruja, que ouvia, affirmou pezarosa sem atinar, porém, com a razão d'aquellas palavras em transe tão perigoso; entretanto elle continuou com ancia:

— Bem sei que morro, sinto a morte nas veias, mas não vos dê isso cuidado. Lançai ao mar meu corpo e mais alliviada ficará a fusta, mas tomai o meu coração e

deixai-o á proa porque elle vos levará, como uma bussola, á terra da patria que o attrahe. Disse e expirou.

A maruja, tomando por insanas as palavras do moço piloto, não quiz profanar o seu corpo e ia alijal-o intacto quando um velho marinheiro observou:

— Por que não havemos de executar a sua vontade? Se for esse conselho um resultado do delirio logo teremos prova. Tomemos o coração.

E assim foi feito. E, tanto que o expuzeram na habitacula logo o coração se voltou para um ponto e, nesse rumo, velejaram. Singraram com fortuna, através da tormenta, até que, ao alvor de uma manhã, avistaram torres que pareciam emergir d'agua e logo reconheceram a terra da patria.

Foi grande o clamor de festa e os que se julgaram perdidos ajoelharam-se agradecendo a Deus o salvamento, só um homem foi grato subindo á proa para beijar o coração do morto que os havia levado áquelle termo — foi um velho marinheiro.

Tanto, porém, que a fusta entrou no porto o marinheiro, que levava veneradamente

o coração na mão, sentiu-o tremulo e, á medida que se aproximava de terra, mais tremulo o sentia. Já ouviam os repiques festivos dos sinos e, como a capella ficava num outeiro, um dos marujos que ia a olhar agudamente, disse com alegria:

— Olhem lá! é uma bôda que sai da capellinha.

— Felizes noivos! disseram. E o coração, na mão do velho marinheiro, desfez-se em sangue e em sangue perdeu-se n'agua. Houve espanto a principio mas o marinheiro disse:

— E' natural que acabe porque cumpriu a sua missão. Agora peçamos ao Senhor pelo coração que nos trouxe.

Só mais tarde souberam a razão do caso estranho quando lhes disseram quem era a noiva que sahia da capellinha quando a fusta, por milagre, ancorava no porto.

O CENTENARIO

Era um jequitibá formidavel, o mais velho da selva sem galhos, sem folhas, o tronco apenas avultava entre as arvores frondosas como um mastro colossal. Junto á raiz uma broca profunda debruada a musgos, em volta samambaias caprichosas, e cipoaes contorcidos onde rolas e gaturamos penduravam ninhos. O machado dos lenhadores respeitava-o: era o patriarcha venerando da selva, encanecido e minado pelo tempo. Procuravam-no apenas os maribondos que colavam os seus alveolos ao vetusto tronco ou os bemtevis que, empoleirados na grimpa, cantavam ao nascer do sol e ao cair da tarde.

Todas as arvores contemporaneas tombaram, elle, sosinho, resistia marcando, como um deus termo, a fronteira selvagem. Davam-lhe seculos e, um matteiro disse, certo dia:

— Esse é do tempo dos caboclos. Já nem casca tem mais, coitado! E' poeira que está de pé, sabe Deus como.

Resistia, emtanto, ás soalheiras fortes e ás desabridas borrascas mas, debalde a primavera passava por elle, misero macrobio! as folhas não brotavam mais.

Uma noite — o luar clareava limpidamente a montanha — estavamos na varanda da casa quando ouvimos um baque fragoroso como se uma barreira houvesse alluido cavada pelas enxurradas. As moças tremeram apavoradas, os cães avançaram ladrando e todos os olhos voltaram-se na direcção do fremito. O matto farfalhava como se o agitasse a furia de um vendaval, estalos rispidos vinham da selva copada, fronteira á casa. O pasmo crescia quando um antigo escravo, resoluto e atrevido, offereceu-se para ir á collina. Subiu alumiado pelo luar e já o haviamos perdido de vista, quando ouvimos sua voz retumbando no silencio da noite:

— Foi o jequitibá que morreu!

Na manhã seguinte fomos, em romaria, ver o cadaver do gigante. Lá estava com as raizes, arrancadas da terra, tombado

sobre as outras arvores como Jesus no collo das mulheres.

O tronco fôra ferido pelo caruncho que é a larva destruidora dos vegetaes, só a casca resistira formando um grande tubo negro, atravez do qual via-se o céo. Vasio, inteiramente vasio, o centenario tombara impellido pela brisa, elle que lutara com os cyclones no tempo verde da sua mocidade viçosa, ou, quem sabe se não se deixou cair exhausto de illusões e de forças? Encarquilhado — porque já não possuia a resistencia intima — tinha apenas a fórma externa dum tronco, a apparencia duma arvore: por dentro era a triste immensidade do vacuo.

Assim somos nós, disse um velho que o contemplava. Assim somos nós, disse com desalento. A's vezes um carinho mata-nos porque, vasios como estamos, nem força temos para resistir á alegria. Esse... foi o luar que o matou, foi o afago que o feriu de morte. Assim somos nós, tristes corações vasios. Sem a força interior, minado pelos desenganos, quem ha que resista aos embates da vida? Bem certo que é melhor morrer.

PARA O SEMPRE!

« Empresta-me o teu coração, disse-me ella, já debil, em vesperas de morrer. Empresta-me o teu coração. Eu sei que vou partir e não quero levar commigo o que não me pertence. Guarda em teu coração o que te vou confiar e nunca o abras, vê bem! nem confies a outrem para que se não venha a conhecer o segredo de uma pobrezinha e, eu, lá mesmo na Altura, choraria de vergonha se viesse a saber que o haviam descoberto. Empresta-me o teu coração... disse-me ella. »

Como havia eu de negar cousa tão simples a uma infeliz que morria? Dizem que aos que vão morrer, nada se nega e eu, não querendo que me ficasse um eterno remorso, cedi ao pedido da moribunda deixando com ella o meu coração para que nelle guardasse o que, já com voz surda, affirmou

que não lhe pertencia. Quando m'o devolveu não senti mudança alguma... Que teria a moribunda pallida guardado em meu coração? Não sei.

No dia seguinte, com o frio do inverno, esfriou para sempre e, d'olhos fechados, as mãos brancas cruzadas no peito magro, fui encontral-a no seu leito virginal cercada de flores. Pobresinha! tinha apenas dezoito annos...

E levamol-a ao cemiterio. Os coveiros tomaram-n'a e o caixão baixou á sepultura cobrindo-se de cal e cobrindo-se de terra. Tornei á casa e, a tarde, logo depois que ella desappareceu, desannuviou-se, cigarras cantaram e o azul reappareceu com estrellas.

Seria tão grande a tristeza da infeliz que désse para entristecer a natureza inteira? Não sei, mas tanto que os seus olhos azues fecharam-se voltou ao mundo a alegria e os passaros, que não cantavam, entraram a cantar, jocundos, como na primavera.

E os dias correram, correram os dias e eu comecei a sentir que o meu coração pesava no meu peito.

Durante os dias eu o sentia pesado e triste o sentia ao cair das noites até que, impressionado e lembrando-me da morta, resolvi recorrer aos homens de sciencia para que tentassem descobrir que havia no meu coração. Debalde os homens de sciencia auscultaram, debalde! nenhum soube dar a razão do meu soffrimento. Foi um velho poeta quem me disse a triste verdade:

— Ah! meu amigo, tendes o vosso coração cheio do amor da morta, foi isso que ella vos deixou e, tão grande é, tão grande! que ella não o quiz levar para que lhe não pesasse quando houvesse de subir ao céo.

— E agora, bardo? que hei de fazer desse amor de uma finada! que hei de fazer para alliviar um coração que tanto soffre? O poeta encolheu os hombros com tristeza e disse:

— Não sei...

E eu ando com o coração cheio desse amor sombrio que me pesa tanto e que não deixa entrar nelle outro amor porque o tomou por inteiro. Pobre de mim! Pobre de mim!

ALDEIA

Dizem sabios e affirmam: « a retina do morto guarda a visão derradeira. No assassinado os olhos, se fitaram o rosto do assassino, conservam-n'o estampado para o jamais.» Assim os livros asseveram e a experiencia demonstrou-me quando, em dezembro, Alda morreu.

Na camara em que expirou, um após outro, entraram todos os clinicos notaveis sem que um só conseguisse descobrir o mal que ia, aos poucos, consumindo a minha amada e, um a um, com desanimo e sorpreza, abandonaram o leito, todos com as mesmas palavras:

« Que estranha molestia! E' pena que eu não a conheça para salvar tão linda creatura que vai morrer abandonadamente. »

E bem fallaram os clinicos que a viram: Alda morreu sem gemidos, sem ancias, tranquillamente, como se apenas houvesse adormecido.

Morta, vieram de novo os clinicos, um após outro, constatar a morte e como se desencontraram as opiniões!

Tal disse que fôra o coração o algoz, outro que fôra uma febre má; um accusou os frageis pulmões da pobresinha. Velho medico, porém, vendo-a tão linda e nada desfigurada quiz, de mais perto, olhal-a e examinal-a lastimando que tão cedo a Morte desfolhasse flor de tanto apreço. E lento, paciente e apaixonado, como se examinasse uma obra d'arte, tomou-lhe as mãos pequenas, tomou-lhe os cabellos finos, viu-lhe a fronte, a bocca, os olhos. Examinava-os quando, de improviso, voltando-se, interrogou-me:

— D'onde veiu esta linda moça?

— De uma pobre aldeia. Trouxe-a eu para que se não perdesse na aspereza dos montes tão formosa creatura.

— De uma aldeia... bem vejo. E, fallando, o velho medico curvava-se para melhor analysar os olhos da finada.

— Uma pobre aldeia atravessada pelas aguas serenas de um corrego, bebedouro de gado. A igreja branca fica em um outeiro, em torno ha choças; montes emmolduram a pobre aldeia. E eu, pasmado de ouvir o medico, fitava-o.

— Conhece a aldeia, doutor?

— Não; vejo-a, porém, na retina da morta. Pode vel-a se quer. Curvando-me, então, junto do medico, sobre os olhos parados da defunta, vi a aldeia, a mesma aldeia, a linda aldeia natal d'onde Alda fugira nos meus braços, reproduzida nas pupillas como numa miniatura de medalha antiga.

— E' exactamente a aldeia, doutor. E o medico repetiu sentenciosamente as palavras dos livros: «A retina do morto guarda a visão derradeira. No assassinado os olhos, se fitaram o rosto do assassino, conservam-n'o estampado para o jamais.»

— Quer o doutor dizer que foi aldeia que a matou?

— A nostalgia dessas aguas, desse arvoredo, dessas cabanas, desses prados. Foi a

nostalgia que a matou. E, tomando duma larga folha de papel, o velho medico, com lagrimas de piedade, attestou a verdadeira molestia, emquanto eu encerrava as palpebras de minha amada sobre os lindos olhos evocadores, cheios de recordações, como dous escrinios de saudade.

O REBANHO

. . . .

Nous allons devant nous comme des exilés
Ne pouvant pas fouler deux fois la même place,
Goûter la même joie et sans cesse appelés
Par l'horizon nouveau que nous ouvre l'espace.

. . . .

Que d'impuisance éclate en ce mot tout humain!
Se souvenir!—se voir lentement disparaître,
Sentir vibrer toujours comme l'écho lointain
D'une vie à laquelle on ne peut plus renaître.

M. Guyau.

Para tão grande morto—o sol, só mesmo esse catafalco: a noite. Vêde-me essa treva densa lentejada de estrellas; vêde-me essa corôa branca: o plenilunio, cujas fitas roçam pela terra; vêde a porção de flores da Via Lactea e agora escutai a antiphona das

cousas e dizei-me se não são solemnes os funeraes de um dia.

E' morto o grande Pan... Não, o grande Pan não morre—não são por elle os funeraes, bem sabe a Natureza que elle ha de tornar: os funeraes que vemos são os dos nossos momentos que o minotauro levou para a caverna do Occidente.

Horas felizes que não mais tornais, o vosso memento é a saudade.

Quanto dariamos nós para poder retroceder um passo no caminho da Vida voltando a certo instante feliz. Hontem é um fosso profundo que nos separa do Passado. Oh! como vai recuando a nossa mocidade, como vão ficando atraz as nossas illusões!

Quantas alegrias e quantas lagrimas, quantas esperanças e quantos desenganos leva para o occaso o sol de um dia. Como vai carregado esse respigador purpureo que andou de coração em coração deixando em todos a saudade. Já que nos levais o melhor da vida porque tambem não levais a memoria—esse abutre d'alma?

Vamos seguindo: somos o rebanho do sol, elle é que nos leva; á noite repousamos—lá vai elle para a sua cabana e

nós ficamos expostos á loba esfaimada: a Morte, que uiva sinistramente no valle da Vida onde as lagrimas são rios.

Quando accordamos, olhando em torno, vemos, com tristeza, que já não nos achamos no mesmo sitio em que adormecemos. Caminhamos, então, d'olhos fechados, atravez a treva, emquanto o pastor dormia? Sim, caminhamos fugindo á loba e, dentro da sombra do somno, vimos espectros tragicos, vimos horrores.

Mal apparece o Sol—«Eia, rebanho!» brada, e lá vamos nós, tristes ovelhinhas, seguindo em magote... para onde? o Sol não diz e, fustigando sempre com o seu látego de fogo, brada inexoravelmente: «Eia, rebanho!»

E não poder a gente tornar a certo prado onde foi feliz, á certa sombra onde repousou, á certa fonte limpida onde matou a sêde, á certa mouta onde vio uma balsaminea que nunca mais verá! «Eia, rebanho! eia!»

Que dor! Que dor!

Sentir vibrer toujours comme l'écho lointain
D'une vie à laquelle on ne peut plus renaître

Cantamos o anno que nasce para não chorar o anno que foi: a anciedade de ver faz com que esqueçamos o que vimos... com que esqueçamos? digo mal—com que nos resignemos da perda visto como, de instante a instante, voltamos os olhos para traz e vemos os nossos passos sulcando o caminho como um arado forte, e, nos sulcos, quanta saudade! « Eia, rebanho! eia!»

Mas, para onde vamos nós? onde é o aprisco? a loba investe, ouve-se um grito: lá vai uma ovelha na fauce da morte. «Eia, rebanho! »

Emfim, como vão todas juntas para o mesmo destino, as ovelhinhas resignam-se. De vez em quando perguntam: «Onde é o aprisco?» O pastor inclemente responde com o mesmo brado: «Eia, rebanho!» e lá seguem...

Nous allons devant nous comme des exilés
Ne pouvant pas fouler deux fois la même place..
...

HISTORIA

Foi no principio, disse o velho Azael aos zagalejos que, todas as noites, recolhidos ao pouso da montanha, em torno do fogo, emquanto as ovelhas sonhavam com as finas hervas e com as aguas frescas, cercavam-n'o pedindo historias e ninguem as sabia tão curiosas como o solitario Azael, que se recolhera á montanha depois que levara ao tumulo a moça loura que fôra sua noiva.

Foi no principio, disse o velho Azael; tudo era sombra e silencio e Deus, na altura, lapidava os astros que são os diamantes do céo, lapidava-os e a poeira luminosa que delles se esparzia ficava espalhada formando a Via Lactea e as outras nebulosas.

Logo que um astro fulgurava, Deus, deixando-o engastado, tomava um pouco de treva e punha-se a lapidal-a e assim conseguiu fazer todas as estrellas que brilham e a lua que é uma grande opala triste.

Mas, lapidando os astros, não podia o Senhor pensar que a poeira que delles se desprendia viesse parar á terra mas, tendo de crear os animaes e o homem, desceu ao mundo deserto e, caminhando, de vagar, pela sombra viu, de repente, fulgir entre as arvores virgens uma chamma fugaz. Deteve o andar e, pensativo, ficou acompanhando a viagem aérea e volteante da fagulha de origem desconhecida.

Vendo-a ir e vir e vendo que outras surgiam o bom Deus, não querendo que o demonio astuto puzesse maleficio em sua obra e julgando as chammas erradias creações do máo Anjo porque não se lembrava de as haver creado, tomou, no espaço, uma das que passavam e, com o seu alto poder fez com que o lume fallasse entre os seus dedos e o lume errante fallou :

— Senhor, deixai-me ir livre. Não me julgueis provinda de máos termos. Chamma,

não fui gerada nos braseiros inferiores, venho das claras estrellas que fulguram no céo. Quando as lapidaveis dellas sahia uma luminosa poeira que se espalhou nos espaços formando estradas largas, succedeu, porém, que alguns grãos pequenissimos dessa poeira, fugindo ao espaço, vieram cair na terra e, porque nelles havia vossa mão tocado logo se animaram e, á noite, á hora em que as estrellas brilham no céo, a poeira das estrellas vive e brilha na terra.

Bem vêdes que de Vós vimos. Deixai-me ir, Senhor! deixai-me ir pelo arvoredo que cheira e por cima das aguas brancas que murmuram. E o Senhor, enternecido, abriu os dedos, deixando o pyrilampo. E ahi tendes porque não é fixa, como a das estrellas, a luz do pyrilampo — é que ella esteve, algum tempo, abafada entre os dedos de Deus e, até hoje, o insecto guarda essa instantanea impressão.

No pouso o fogo triste morria e Azael levantou-se para alimental-o.

O BERÇO

Entre violetas e rosas, pequenino e risonho, as mãosinhas cruzadas sobre o peito, Dedê, de cinco mezes, dorme para todo o sempre. Veste-lhe o corpinho rechonchudo a mesma cambraieta com que foi á pia ; á cabecinha loura a mesma touca branca. Parece que esperam que desperte, para leval-o novamente á igreja.

Baby, de tres annos, guarda o pequenino irmão. Sabe que dorme porque lh'o disseram. Para não accordal-o, pisa de manso, cautelosa, apertando nos braços Colombina. O sol faz um veusinho translucido para o rosto risonho de Dedê. Os cirios empallidecem, e as flores vão murchando junto do corpo frio do defunto.

Batem palmas á porta. Baby estremece. Aperta mais Colombina, e lança um olhar

ao irmão, receiosa de que tenha despertado. Mas Dedê não desperta: dorme, as mãosinhas cruzadas sobre o peito, como rezando. Batem palmas de novo. Baby, pisando de mansinho, cautelosa, vai á porta e, coitadinha! não consegue abafar um grito, ao dar com os olhos no africano velho que traz debaixo do braço, como um estojo, o pequenino esquife, cor de rosa e branco, cercado de franjas de ouro. Baby não consegue suffocar um grito: bate as palmas, contente, deixa cair Colombina e entra a correr, annunciando: « Está ahi o berço novo de Dedê! Está ahi o berço novo de Dedê! »

E, com voz de choro, agarrando-se ás saias da avó tremula, que vai compondo ramos para o pequenino, implora: « Mandas fazer um berço igual para mim, vósinha? Mandas fazer, vósinha? » E, para convencel-a, beija-lhe repetidas vezes a mão magra, e a velha, soluçando, beija-lhe os cabellos louros...

Ha dias, indo de visita á casa, encontrei-a silenciosa. Fóra, no rosal, já não cantavam passaros; dentro, no interior, berços não

se balançavam. Senti que alli faltava alguma cousa... não havia barulho. A mãi, viuva, de vez em vez, levantando a cabeça, punha os olhos no céo, e baixava-os molhados; a velha não fallava. Senti que alli faltava alguma cousa.

Por acaso, voltando os olhos, descobri Colombina sobre uma peanha. Pobre Colombina! Lembrei-me, então, de Baby, e perguntei por ella. A velhinha fitou-me. A mãi baixou os olhos, soluçando.

Teria a complacente avó satisfeito o pedido da creança? Teria a velha dado á Baby um berço côr de rosa e branco, igual ao de Dedê? E não foi outra cousa... essas velhas avós fazem tantas vontades aos netinhos!...

AS YARAS

Ao livido luar funereo, dentre os flexiveis cálamos dos lyrios, as yaras surgiam tremulas de frio. Era em Junho, o mez brumal, ao livido luar funereo.

O nevoeiro pulverisava a noite e um vento gelido soprava. A paizagem era triste á beira d'agua lacustre, perto da selva múrmura, e mais triste a tornava o livido luar funereo, escorrendo das arvores,como mortalhas de espectros penduradas dos ramos.

Abeirei-me do pálude. Protegia-me um grosso tronco primévo e vi e ouvi as virgens amphibias, que nenhum mortal conseguiu jamais, com seducção ou violencia, arredar das aguas ou das terras ribeirinhas para provar o beijo dos seus labios, mais cheirosos que as alvas açucenas. Vi e ouvi as yaras do pálude.

«Que aguas frias! suspiravam, e que vento gelado! As estrellas são como pupillas de mortos, opacas no fundo céo. A lua é como uma lampada funerea. Não ha conforto nas aguas, não ha conforto na terra. Quc rispida noite corre e que desolação».

Uma, mais bella e nua, levantou-se d'entre os flexiveis cálamos dos lyrios e fallou tremulamente, apertando com os braços os seios pequeninos e brancos, regelados:

— Ha, perto d'aqui, bem perto, alguem que nos pode aquecer. Para nós outras só o calor do céo ou o calor das almas porque de nada nos servem colmos de cabanas, nem folhagens de arvoredo, nem chammas de brazidos. Ha, bem perto d'aqui, quem nos pode alliviar do frio que nos regela. E' Jandyra, moça virgem, de quinze annos. Ella deve ter o coração ardente. Vamos até á beira do seu leito casto e aqueçamo-nos ao calor do seu coração de virgem. E todas, transidas, tremulamente disseram:—Vamos! E partiram

Jandyra! Jandyra! E fiquei a pensar em minha noiva Jandyra. Pobres yaras d'agua!

Amanhecia. Pobres aguas orfãs! entraram a gemer tristonhas ; murcharam de agonia os cálamos dos lyrios e as garças alvadias, chegando ás margens, começaram a piar melancolicamente. Procuravam-me, procuravam-me com ancia pelos campos e, vendo-me, logo disseram:

— Anda comnosco, anda comnosco! Vem ver, junto ao leito de Jandyra, nuas e como são formosas...! Corri pressuroso e, mesmo correndo, ia ouvindo minh'alma compadecida que suspirava pelas desgraçadas: « Pobres yaras d'agua! Pobres yaras brancas! »

E, chegando, eis o que vi com magua inexprimivel: Em torno do leito de minha amada, mortas, mortas de frio as yaras jaziam. Uma apenas arquejava ainda: roxa, as mãos crispadas, os olhos amortecidos como as estrellas da noite. Curvei-me sobre a pobresinha e pude ouvir os seus ultimos lamentos e, sobre o meu rosto, apagou-se o raio derradeiro da sua pupilla azul:

« Que frio! Pobre moço namorado! O coração da vossa amada ainda é mais frio que as aguas, o coração da vossa amada ainda é mais frio que a nevoa! Ides para

um desolado inverno interminavel. »
Disse e tombou nos meus braços, fria e morta.

Jandyra, Jandyra! Pobre de mim que te amo! Agora sei porque ando sempre triste e derivando lagrimas como uma geleira em degêlo perenne; agora sei porque não me basta o sol, porque não me bastam os carinhos acalentadores dos que me cercam: minh'alma vive no teu coração que... Pobres yaras d'agua, triste e pobre de mim, Jandyra!

O CORAÇÃO VENENOSO

— Caso estranho! disse o velho coveiro a olhar outro corpo intacto que havia exhumado. Ao que parece a terra deste cemiterio está farta porque rejeita todos os cadaveres. Dantes, mal os recebia, logo, famintamente, os devorava e agora parece que nem por elles dá porque ficam annos e annos sem que ella nelles toque. E' estranho! Seria bom que nos mudassemos para outro sitio. E o moço coveiro disse:

— Não é só isso. Outr'ora não havia jardim mais viçoso do que este cemiterio—as rosas mais coradas eram as que aqui nasciam e agora nem siquer as plantas desabotoam, os mesmos cyprestes e as casuarinas como que se vão finando. De tanto lidar com a morte parece que a mesma terra do cemiterio morreu.

— Dizes a verdade, amigo: parece que a mesma terra morreu.

— E isso começou no dia em que trouxeram a enterrar uma linda moça cujo esquife veio acompanhado por um homem pallido que chorava, explicou o coveiro moço.

Ouvindo palavras taes eu, que, nessa tarde, andava pelo cemiterio porque, como de costume, fôra levar ao tumulo de Laura um ramo de flores frescas adiantei-me e, logo que deu commigo o coveiro moço segredou ao que fizera a estranha observação:

— Olha, foi esse homem pallido que ahi vês que veio acompanhando o esquife da linda moça.

— Sim, fui eu, affirmei. Dizeis então que a terra já não consome os cadaveres que lhe entregaes?

— Sim, já não os consome e isso desde aquella tarde triste do enterro da linda moça por quem choraveis tanto.

— E attribuis á sua influencia esse mysterio estranho...?

— Quem sabe! disse penserosamente o velho coveiro e o outro penserosamente repetiu:

— Quem sabe!

— Vamos, então, ver o seu tumulo, propuz; fica alli na encosta da collina. Se vos não transtorna, vamos ver o seu tumulo.

— Podemos ir, disseram. E os dous homens, tomando as pás, acompanharam-me á encosta da collina e começaram a cavar. Cigarras cantavam nas casuarinas murchas e elles cavavam cantando.

Foi-se escancarando a cova e appareceu o caixão, todo branco, em que estava encerrado o corpo daquella que, em vida, tanto me fizera soffrer.

— Devagar, meus amigos, mais devagar; disse eu, com receio de que elles, com as suas pás, ferissem a morta mas, já o caixão apparecia todo e foi retirado e aberto á luz bruxoleante da tarde e, tanto que sahiu da terra logo, como por encanto, varios arbustos abotoaram e roseiras, que pareciam mortas, reviveram instantaneas.

Aberto o caixão o corpo de minha amada appareceu formoso e, no seu rosto macilento, havia o mesmo sorriso perfido com que tantas vezes me illudira. Mas um liquido escorria-lhe do peito, verdinhento e, como eu a levantasse nos braços vi que lhe sahia pelas costas, por onde os vermes

haviam penetrado achando a morte, o coração desfeito—e era elle, o coração, que se desfazia em sanie e era aquella sanie que se infiltrava pela terra envenenando-a a pouco e pouco tanto que, já enfraquecida, nem consumia os cadaveres nem alimentava as raizes.

E, como um dos coveiros perguntasse, vendo o liquido verdinhento que escorria do coração da morta:

— Que é isso? Eu estive para dizer, desesperado: E' a hypocrisia de minha amada, é a sua perfidia, é a sua mentira, são todos os vicios do coração que eu tanto busquei e foi com esse veneno que ella matou a minha alegria, em vida, como, depois de morta, matou os vermes e a terra do cemiterio.

Estive para dizer mas, com os olhos arrazados d'agua, com a garganta tomada pelos soluços, alli mesmo, diante dos coveiros pasmados, atirei-me ao caixão com ancia, tomei em ambas as mãos a cabeça loura da infiel e, puz-me a beijar-lhe a fronte fria e os olhos e a bocca como os beijava antigamente quando era trahido e, nelles achava o sabor da terra ah! mas

antes o sabor da terra do que o sabor de outros beijos como, quando ella vivia, sempre eu encontrava em seus labios.

Levaram-me para longe do tumulo e a terra do cemiterio continúa esteril e ha de morrer como a minha alegria morreu porque os coveiros, julgando-me louco, enterraram de novo o coração venenoso.

ALDA

— Alda morreu; disse o lenhador acocorado junto ao brazeiro, na cabana tristonha.

— Quem a matou? perguntou Gilberto em sobresalto.

— Que sei eu de molestias? Quem a matou foi Deus.

— Não é possivel! Alda não conhecia outro Deus senão eu, e, tu bem sabes, lenhador, que eu lhe dei o meu coração. Achas que o amor é mortal? dize...

— Que sei eu de amores!...

— E onde repousa minha amada?

— No cemiterio. Seu tumulo fica protegido por um velho salgueiro, junto ao muro.

— Junto ao muro...

— Mas, vê lá! a neve cae em grandes froccos, estão brancos todos os caminhos.

— A neve! Que receio póde inspirar a neve duma noite a quem traz no coração o perpetuo e doloroso inverno da saudade? Junto ao muro, sob um salgueiro.

— Sob um velho salgueiro, junto ao muro.

— Boa noite, lenhador!

— Boa noite! Vê lá! a neve cae em grandes froccos, estão brancos todos os caminhos.

No cemiterio, Gilberto, tremendo de frio e molhado de neve, poz-se á buscar, por entre as covas lapidadas pelo inverno, a cova de sua noiva, dizendo:

— Pobre Alda! Como ella deve sentir frio neste desamparo! E, achando o salgueiro, vio, sob a sua ramada, o sepulchro recente. — E' aqui! suspirou. Pobresinha! como deve sentir o frio da noite! E poz-se a cavar atirando a neve e a terra para longe, até que surgio o caixão, coberto de rosas murchas. Abrio-o e Alda appareceu, mais pallida que a neve, envolta num lençol de linho, a fronte cercada de rosas como uma noiva no dia

das suas bodas. Gilberto tomou-lhe a cabeça fria e collou os labios á bocca arroxeada da defunta.

— Vive, meu doce amor! Que te falta? o espirito? aqui o tens, divido o meu comtigo, tens aqui a metade da minha alma.. Beijou-a longamente e a morta estremeceu com o beijo. De repente, como se accordasse, estendeu os braços espreguiçando-se, abriram-se-lhe os olhos e ella poz-se a andar vagarosa, com um triste sorriso nos labios roxos, os cabellos esparsos, cheios de terra e de flores sobre as quaes arrastavam-se silenciosamente larvas mysteriosas.

— Alda! exclamou Gilberto.

— Alda! exclamou tambem a resurgida.

— Vamos, meu amor; esperam-nos lá fóra. Faz tanto frio aqui... Eu vim apenas buscar-te; vamos!

— Vamos, Alda! disse a propria finada, sorrindo.

— Mas, eu sou Gilberto, teu noivo.. balbuciou, tremendo, o apaixonado.

— Gilberto?! Gilberto sou eu, disse a desenterrada..

— Estás louca! Já me não conheces.

— E tu?! porque me desconheces? Vamos! Faz frio aqui; eu vim apenas buscar-te. Vamos! E juntos, abraçados, sairam os dous pelos caminhos pallidos.

«Alda, minha formosa!» «Alda, meu amor!» diziam-se trocando beijos.

Repentinamente, Gilberto prorompeu em soluços: —Ah! meu coração! meu coração!

Pobre Alda! insiste em julgar-se eu, insiste em dar-se o nome de Gilberto porque lhe dei metade da minha vida. O tumulo roubou-lhe a alma, é parte da minha alma que ella tem no corpo, sou eu quem falla pela sua bocca, sou eu...

Está morta, sim... está morta, porque nem se quer de mim mais se recorda, nem o meu nome, ao menos, pronuncia. E o desgraçado deitou a correr através dos campos brancos de neve.

Vivem separadamente nas grotas dos montes ou nos silvedos em flôr quando é primavera e, dia e noite, quem passa, ouve, dum e doutro, o mesmo appello triste: Alda!

Quando se encontram, por acaso, param, fitam-se e murmuram:

«Alda! Alda!»

Elle está louco, ella está louca... Foi o que fez o amor.

....

— Boa noite!

— Boa noite! respondeu-me o velho padre da aldeia que me contou a triste historia dos namorados e allumiando-me á porta do presbyterio, disse:

— E cuidado! lembre-se das palavras do lenhador: A neve cae em grandes froccos, estão brancos todos os caminhos. Foi por uma noite igual que Gilberto desenterrou a noiva.

— Descanse: eu vou através da neve sem receio—minha noiva vive e o que me faz affrontar a noite é o seu amor. Que importa o frio se ella guarda, para receber-me e reconfortar-me, o calor dos seus beijos? Boa noite!

E o padre disse, cerrando a porta:

— Boa noite!

A PARTILHA

Cantava; e as lagrimas rolavam-lhe em dous fios ao longo da face magra e pallida. Soffria; mas, como era preciso que o pequenito adormecesse, cantava indo e vindo, devagar, embalando nos braços a criança. O mais velho, tres annos, olhava-a e, de quando em quando, cantarolava: « Estou com fome, mamãe. Estou com fome...» E o pequenito, insomne, olhava-a muito esperto, a boquinha collada ao peito. « Estou com fome, mamãe...» cantarolava o outro.

Ia alta a manhã: mas, se o sol alegrava o quintalejo, que tristeza em casa! Viuva, tisica, desfigurada pela molestia e pela fome, timida de mais para pedir esmolas, — que havia de fazer a desgraçada? «Estou

com fome, mamãe...» cantarolava o mais velho.

— Espera! filho; espera!

Como o pequenito adormecesse, a mãe foi, pé ante pé, deitou-o sobre um fofo colchão de pannos, a um canto da casa; e o mais velho, seguindo-a, cantarolava sempre: « Estou com fome, mamãe...»

— Não faças bulha, filho; espera! E, acenando-lhe, correu á cozinha: mas, que havia de fazer?

Ardia, no fogão, a derradeira acha, e a mãe, os olhos razos de agua, poz-se a soprar a lenha para ateiar o lume, emquanto o filho, que se lhe agarrara ás saias cantarolava: « Minha mãesinha! » contente com ver que a chaleirinha fumava. A' mesa, porém, quando a mãe lhe apresentou a tigella e o pedacinho de pão da vespera, o pequeno fitou-a com espanto:

— Só café, mamãe?

— Só, meu filho..

O pequeno, levando a colher á bocca, foi repellindo a tigella, com um beicinho, prestes a chorar.

— Não chores! olha que vais accordar o maninho! Espera!

E, desabotoando o corpinho, tirou o peito farto, pojado de leite e espremeu-o, trincando os labios descorados, por onde as lagrimas corriam fio a fio: e entregando a tigellinha ao filho:

— Toma! e não faças bulha! e o pequeno, arregalando os olhos, satisfeito:

— Agora, sim! Agora, sim! poz-se a cantarolar.

Baixinho, então, ella disse:

— E não peças mais, ouviste? o outro é para o maninho.

E foi, pé ante pé, espiar o filho que dormia.

VAÏSYA-PURANA

Não julgues da vastidão de um poema pelo numero dos seus versos — palavras são como folhas de arvores: murcham, seccam e o vento leva-as, vestem apenas o tronco e protegem o fructo. O tronco, esse subsiste, se é forte, porque nelle é que reside a essencia.

Se ha puranas de milhares de versos outros ha, tão pequenos, que podem caber na memoria de um infante, ou, escriptos, numa petala de lotus; nem por serem menores menos valem que qualquer dos dezoito recolhidos pelo solitario Vyasa. E' desse numero o poema ingenuo de Vaïsya, o principe taciturno.

Senhor das terras ferteis que jazem á sombra do Himalaya, vertente das aguas

claras, principe de um povo meigo, Vaïsya, que passara a infancia entre arvores, ouvindo a sabia doutrina de um brahmine, subio ao throno de ouro e de esmeraldas quando contava vinte e cinco annos.

Ou porque era dalma triste ou porque a selva e o sabio lhe tivessem infiltrado nalma a melancolia, era taciturno e grave, não sorria e lentas e vagas eram as suas palavras.

Sempre cercado de aulicos servis que se curvavam como os juncaes dos rios, sempre a ouvir propostas de mulheres que lhe embargavam o andar tentando-o a amores, farto de ouvir bravatas de guerreiros e percebendo as mil perfidias que os ministros tramavam nos conselhos ia enjoando a mais e mais a vida e ao fausto, ao gozo, á gloria de tal corte preferia os silencios retirados onde, a sós com o seu espirito, vivesse e meditasse.

Numa doce manhã de verão Vaïsya, estando a olhar o céo que a luz recamava, vio despontar o sol, louro como uma gotta de oleo santo na superficie azul dum lago e, de mãos juntas, prostrando-se em terra, disse:—Oh! Brahma, tres vezes magnifico,

dá-me que eu veja o berço de Indra! dá-me que eu olhe o sacratissimo casúlo que se desabotoa para libertar a borboleta diurna cujas azas de fogo, mal se desfraldam no céo, matam a phalena pallida. Disse e, após um silencio curto, continuou baixinho: Afigurava-se-me que devia ser tão longe o berço da claridade e, todavia tão perto fica, ainda em terras do meu dominio. Ah! se eu pudesse vel-o!... E, concentrando-se, ouviu, como num sonho, uma voz que lhe disse: — Caminha!

Vaïsya ergueu-se como um inspirado e seguio direito ao palacio onde a sua ausencia era commentada diversamente: pelos cortezãos com murmurios, com suspiros pelas mulheres. Mal o viram chegar curvaram-se os primeiros e em nudez, flacidamente deitadas, mostraram-se as concubinas; Vaïsya, porém, passou por todos como um somnambulo.

Subindo ao throno impoz silencio e determinou que todos se mostrassem promptos na manhã seguinte, para uma peregrinação veneravel ao berço do sol, e, como pretendia levar offerendas, ordenou que os thesouros do reino fossem

transportados no dorso dos elephantes: ouro e pedras, brocados e perfumes.

Pasmados ficaram quantos ouviram tão estranha ordem, nem um só, porém, ousou contrarial-a, e logo começaram os cornacas em serviço acaparaçonando elephantes, carregando-os de ouro e de pedrarias; palafreneiros atiravam ao lombo dos ginetes gualdrapas de seda, a soldadesca, munida de armas, cavalgava potros ardegos e aos palanques, forrados de fios de ouro e prata entrelaçados, recolhiam-se as mulheres molles, nuas, suspirando.

Ao primeiro clarão d'alva rosada, soando frautas e tambores, desfilou pela porta maior a caravana, em rumo para as montanhas.

Não foi longa a jornada nem desfavorecida: dias claros, noites estrelladas protegeram a comitiva que, ao fim dum quarto de lua, chegou ao cimo nevado da cordilheira e parou. Vaïsya, á beira dum fogo vivo, fez a vigilia: instrumentos mal tangidos pelas dedos inteiriçados, esparziam sons pela solidão friissima e os

animaes, desacostumados de tão rispido clima, tremiam tonitruosamente.

Primeiros raios da manhã.

Todos de pé: magos, kchatryas valentes, auletrides e cantarinas, cytharedos e bayaderas, todos de pé! Cornacas e palafreneiros, almocreves e escravos, todos de pé! Ahi vem o sol! E a fanfarra reboou atroando o silencio. Ahi vem o sol. Vejamol-o nascer, estamos á beira do seu berço! bradou Vaïsya, e todos debruçaram-se sobre o abysmo esperando o astro. Abrupta e forte, uma voz arrancou-os á contemplação:—O sol!

Levantaram-se todos e alongando os olhos viram o sol que nascia além! na planicie, entre palmares dourados. Vaïsya sorrio sem desanimo e, de novo, ordenou a marcha.

Cada qual cavalgou o seu ginete ou guindou-se á cabeça do elephante, cerraram-se as cortinas dos palanques, os anafis estridulos soaram e desfilou pela encosta escarpada a caravana morosa.

Novos dias, novas noites... os palmares —repouso. Noite de vigilia e de anciedade... primeiros raios d'alva, o sol... além! além! além! A caminho! e lá foram.

Ora ficavam em montes, ora ficavam em campos; vadearam rios, atravessaram valles e, a troco de ceirões de ouro e pedraria, fizeram-se aos largos mares; e o sol sempre a nascer além!

Já era diminuto o numero dos homens: uns desertavam descoroçoados, outros morriam exhaustos; poucos eram os animaes e, das mulheres, a maior parte ficara nos caminhos, morta. Raros homens seguiam e descalços, famintos, mas fidelissimamente... Quantos annos correram!

Na côrte ninguem mais cuidava ver o principe, já o julgavam morto e o povo, como ignorava o rumo que levara e o fim da expedição, dizia pelos mercados: que fôra a combater e conquistar thesouros e ficara espetado em lanças inimigas.

Outro principe reinava quando passou a porta maior, mais rôto e pobre que o mais vil dos parias, um peregrino envelhecido e alquebrado. Exhausto parou no viso dum outeiro repousando sobre a relva fresca.

Era quasi manhã quando se lhe desapertaram os olhos: — o sol nascia e

justamente levantava-se dentre as longinquas arvores do parque do paço que habitara outr'ora o principe Vaïsya.

Dolhos immensamente abertos e fitos no astro o peregrino empallidecia; quiz erguer-se mas as forças lhe faltaram, os olhos fundos inundaram-se-lhe de lagrimas e, no esplendor da manhã, poz-se a soluçar, dizendo:

— Brahma! Brahma! Brahma! como a luz me illudio! Andei a vida inteira a procurar o berço do sol, o mundo está semeado de ossos dos que me seguiram e, na hora da morte, miseravel, desilludido vejo o meu grande erro — o sol nasce no parque do meu antigo paço entre os palmares que fazem sombra aos tumulos dos meus maiores. Brahma! porque me deixaste partir!? Brahma, porque illudiste?!

E mais não disse: dolhos abertos e opacos, fitando o sol que subia, rolou na terra do outeiro, coberta de orvalho e de flores.

NOVELLAS

MANDOVI

A Jovino Ayres

Feita a ultima parada, Mandovi, atirando um murro a mesa, levantou-se, deu um safanão ás calças, passou a mão pela barba e, com a sua voz retumbante, despediu-se:
—Adeu, gente. Alentado caboclo, de peito largo, com uma barba negra e densa que lhe dava ao rosto uma expressão feroz, tinha fama de valente e ninguem ousava enfrentar com elle, porque o seu pulso era uma barra e, como tinha oração, não havia bala que lhe entrasse no corpo.

— Quê, Mandovi! ocê vai mêmo?

— Cumu não? Estavam na sala dos fundos da venda do Manoel Monte, um

destemido jogador de faca, que, segundo se dizia á bocca pequena, arranjara a vida no caminho, esfaqueando um vendelhão italiano que descia para a cidade, depois das festas do Natal, com a bolsa de couro atochada de prata. A parceirada moveu-se. Eram seis vaqueiros da redondeza que jogavam, emquanto o gado dormia nos campos frescos, á luz quieta dos astros, em torno dos ranchos. O vendeiro, gordo, duma côr arroxeada, em mangas de camisa, o cachimbo nos beiços, dava as cartas, e cada um dos parceiros tinha á mão um copo de aguardente e, de quando em quando, um delles pigarreava, cuspia com um silvo, por entre dentes e, arrebitando o beiço, sorvia um trago com um êeh! prolongado, cravando logo os cotovellos na mesa sordida e fincando os olhos agudos no baralho seboso. Um lampião de kerosene allumiava escassamente o interior e, como cada um dos homens havia levado o seu cão, dormiam todos estirados por baixo da mesa ou pelos cantos e, de vez em vez, ouvia-se um toc-toc ou o rosnado preguiçoso de um delles que se espreguiçava. Manoel Monte, emquanto

dava as cartas, levantou os olhos miudos para Mandovi e, com um sorriso, disse:

— Ocê vai mas é p'r'u rancho do Casimiro. Apruveita emquanto elle anda longe, bicho.

Houve uma gargalhada estrondosa e todos os vaqueiros olharam para o caboclo que accendia o cachimbo vagarosamente.

— E', ocês pensa qu'a gente não tem mais qui fazê sinão andá atraz do chêro di saia cumu cachorro no rasto di cotia. Amenhan cedinho, si Deus quizé, tô no *Cabuçú* vendo umas rez nova...

— Apruveita, rapaz! disseram ainda. E Manésinho, batendo na mesa, chamou a attenção dos parceiros: estavam duas cartas voltadas: uma dama e um seis de ouros.

— Bóta na dama, Manésinho! bradou um negro estabanado, batendo com o chapéu de couro na mesa.

— Quanto?

— Bóta um, home! Mandovi, interessando-se pelo jogo, deteve-se, firmando-se ao cajado e, de pé, com o seu esforçado corpo dominava todos os jogadores, que

iam cercando as cartas; de repente um berro atroou:

— Espera! não tira, Manésinho. Diabo di carta! vêio ahi só p'r'a mi tentá. Não tira, Manésinho! Era Mandovi. Metteu a mão no bolso, tirou uma moeda e, passando o braço por entre dous vaqueiros, deu com ella na mesa, escondendo-a debaixo da mão espalmada. Tira, agora i limpo. Vai tudo isso no seisão! Um dos vaqueiros derreou a cabeça.

— Ocê não poude mais, hein, véio? Os outros immoveis, com os olhos nas cartas, tiravam fumaradas dos cachimbos, e o ar morno, denso, impregnado de fumo, tornava-se irrespiravel; fóra os sapos coaxavam sem descontinuar. Manésinho, sem levantar a cabeça, esperava até que o negro, coçando com furia a carapinha, bradou:

— Faz isso duma vez, Manésinho. O vendeiro poz-se a atirar as cartas num grande silencio; de repente, porém, endireitou-se, correndo um olhar rapido pela mesa; o negro bramiu afundando, com uma punhada, a copa do chapéu de couro:

—Eh! lá em casa... qui sorte! e atitou com a lingua no paladar.

— Ahi, seisão onça! exclamou Mandovi. E' carta de fiança mêmo! e, retirando, com desempeno, a mão de cima da moeda, deu outro safanão ás calças.

Olharam todos para a parada e houve pasmo:

— 'Eh! cabra! dois, hein?

— Intão?! a gente honra a sua carta.

— Dois? perguntou o vendeiro com os olhos piscos.

— Apois o dinheiro não tá luzindo ahi, Manésinho? Ocê não vê? Passa o cobre dobrado. O vendeiro derreou o corpo, puxou uma gaveta e, tomando um patacão, entregou-o a Mandovi.

— Tá di sorti... Fica mais um bocado, rapaz.

— Quá nada! D'aqui no *Serrinho* é obra...

— Ocê vai tanto p'r'o *Serrinho* cumu eu...

— Não vou? intão mió. Dá cá mais um gole ahi mode o frio, gente.

Um dos vaqueiros offereceu-lhe o copo e Mandovi bebeu com gosto, esticando a lingua para lamber os bigodes. Té amenhã, gente!

— Adeu !

— Eh! *Tigre* ! levanta ! Com a ponta do pé espremeu o ventre de um cão negro, que se levantou, esticando-se sobre as patas dianteiras e, rebolindo-se, poz-se a miral-o rosnando. Bamo ! Adeu, gente ! E, da porta, para rir, bradou :—Dá um tombo nesse queixada comedô, gente.

Fóra, a noite ia esplendida, fresca e de luar. A estrada, muito branca, insinuava-se pelo arvoredo e perdia-se nas sombras quietas. O caboclo lançou os olhos ao céu estrellado onde .a lua brilhava, branca e enorme, e, passando o cajado pelas costas, á altura dos hombros, vergou os braços sobre elle, ficando as mãos pendentes e assim poz-se a caminho precedido pelo cão, que seguia com o focinho baixo, zig-zagueando, a farejar a herva e o pó. Era grande o silencio e as sombras das arvores, que se despejavam sobre a estrada, tornavam-na, por vezes, negra, mas, logo adiante, a lua reapparecia muito clara, allumiando os passos. Vozes estranhas, longinquas, tomaram-lhe a attenção, e elle, que ia pensando em cousas vagas, tão distrahido que nem dera pelo

cachimbo que se havia apagado, levantou a cabeça e escutou: eram sapos em uma lagôa, entoando monotonamente o seu canto nocturno. De vez em vez estalava uma palma secca, uma folha voava para a estrada, abrindo, na claridade do luar, uma sombra dura, e insectos ziziavam na herva rasteira. Mandovi fez uma volta repentina e olhou para traz, como se quizesse vêr a venda de Manésinho, já coberta pelo arvoredo, puxou forte pelo cachimbo e, sentindo-o apagado, tirou o seu isqueiro e feriu lume. Poz-se de novo a caminho e, para distrahir-se, emquanto atravessava aquellas solidões, chamou o cão:

— Eh! *Tigre* véio... ocê vai vendo o caminho? E' esse mêmo, *Tigre* véio. O cão, ouvindo o seu nome, retrocedeu aos pulos, ganindo. Aguas rolavam nas mattas que beiravam a estrada com um fresco murmulho e, pouco adiante, uma velha ponte, feita de grossos troncos, cruzava o corrego fino, onde a lua parecia banhar-se, branca e tremula. Um bacuráo levantou vôo, desapparecendo no matto. Mandovi passou de novo o páo pelas costas, derreou a

cabeça e, d'olhos no céu, cantou baixinho:

> **No tope d'aquelle monte**
> **Mora a minha occupação,**
> **Por isso alli sobe tanto**
> **Meu travesso coração.**
>
> . . . .
> **Por isso alli sobe tanto**
> **Meu travesso coração.**

e continuou assobiando. Calou-se para chupar o cachimbo que se havia apagado de novo; depois, seguindo uma idéa, riu, resmungando:— Han! diabo di rapariga... Depois a gente faz uma cousa i tá hi... porque anda virando a cabeça da muié dos outro i mais uma cousa i mais outra. Por causa disso mêmo é qui acontece tanta disgraça nesse mundo de Deu. A gente vai mêmo e tá hi... Atirou uma cusparada e, sacudindo a cabeça, exclamou : — Quá ! Casimiro não tá seguro não. Aquella !... De repente um grito silvou na matta. O cão estacou, de orelhas tesas, firme ; Mandovi deteve o andar, olhando. O luar, cada vez mais brilhante, scintillava nas aguas rasas do corrego que ia seguindo

a par da estrada; grande era o silencio, nem uma folha bolia. O cão ladrou para a matta e seguiu farejando a poeira. Mandovi retomou a cantilena, mas não havia dado seis passos, quando, de novo, ouviu o grito fino e dessa vez parecia dizer o seu nome: «Mandovi!» O caboclo sentiu um arrepio de medo e ficou a olhar: tudo era matto e sombra, nem uma luz de rancho, nem um boi perdido no campo. «Mandovi!»

— Eh! eh! fez o valente. A móde qu'isso aqui tá assombrado hoje. Voltou-se alongando o olhar para o caminho que percorrera: sombras moviam-se sinistramente na estrada, elle, porém, habituado áquellas caminhadas nocturnas, não se assustou com ellas, porque bem viu que eram dos galhos das arvores, mas, alguma cousa tolhia-lhe o andar, uma voz interior dizia-lhe que não proseguisse. Estava ainda tão longe o *Serrinho*, a uma hora, talvez, e por dentro da matta porque a estrada ia, pouco adiante, para o *Cabuçú*, esfiando um brilho estreito que se mettia pela floresta, levando á povoação pobre dos vaqueiros de Santa Iria.

Depois de uma hesitação o caboclo decidiu-se :

— Quá ! isso é tonteira. Aquelle Manésinho é bicho tão damnado, qui é inté capaz di botá alguma cousa na bibida móde a gente perdê mió. Quem é qui ha di gritá por mim a esta hora neste descampado ? Isso é tonteira. Passou a mão pelos olhos e, resoluto, animou o cão : Bamo, *Tigre*. Então ocê não ouve, véio ? Bóta a bocca nesse diabo qui tá hi tomando confiança c'a gente. Bóta a bocca, *Tigre*. O cão arremetteu, mas, de repente, numa volta subita, recuou ganindo, de orelhas murchas e, numa corrida desabalada, vêiu atropellar o caboclo, esfregando-se-lhe nas pernas com um chôro covarde. Mandovi, com os cabellos espetados, furioso, atirou um ponta-pé que, apanhando o cão pela barriga, virou-o na estrada. O animal não tugiu e, apezar de repellido, tornou de rasto agachado, com a cauda encolhida, para junto do senhor.

— Quá ! resmungou Mandovi, isso não tá bom não... Esse caminho tem cousa. Gente não é... cachorro não foge di gente. Isso é cousa !... E, parado, com os olhos

enormes, o coração batendo precipitadamente, Mandovi perscrutava as cercanias, quando, de novo, ouviu o grito agudo: « Ma... andovi ! » Estremeceu tão violentamente, que o cajado quasi foi ao chão.— Nossa Senhora! persignou-se e ficou preso á terra, agarrado ao solo, como aquellas arvores frondosas que pareciam esconder o assombro. Uma lembrança sinistra deu-lhe ainda maior pavor: — Eh! quem falla verdade é Jirimia... Metteu a mão no bolso mas, convencendo-se de que tinha a sua isca, tranquillisou-se : — Ainda si fô só móde pidi fogo... E a gente, que não acrédite... Levantou os olhos: uma estrella cadente esfiou pelo espaço claro e calado. Deus te guie!

«Mandovi!» E, logo depois desse grito que parecia vir d'alguem que soffria, numa barranca escalvada, sem arvores, sem hervas, um vulto, mais branco do que o branco luar, hirto, abrindo sobre o fundo espaço compridos braços duramente esticados, com uma fina tunica fluctuante, balouçava-se mollemente, aereamente, num lento vai-vem, da barranca escalvada ás frondes do arvoredo, das frondes á

barranca. O vaqueiro abriu muito os olhos num espanto mudo e, tolhido, sem poder tirar-se da posição em que ficara, olhava, quando, na matta, uma estridente gargalhada vibrou. Mandovi voltou-se bruscamente e, olhando, nada viu senão as arvores mudas e o mudo caminho. O cão já alli não estava, havia desapparecido. Reuniu todas as forças e bradou por elle: — *Tigre!* eôôôh, *Tigre!* Uma sombra, saindo d'entre a folhagem, partiu aligera pela estrada, com tropel, perdendo-se em uma nuvem de poeira amarella; de novo o silencio cahiu.

Só, na solidão terrivel, ao livido luar, diante d'aquelle estranho vulto que se balouçava sobre o caminho, o caboclo sentia as pernas enfraquecerem, respirava a custo, como se lhe comprimissem o peito. Lentamente, cautelosamente, sem tirar os olhos da apparição, passou a mão incerta pela cinta e o cajado esquecido cahiu no pó com um baque balôfo. Mandovi estremeceu, mas já estava com a garrucha em punho; engatilhou-a e, levantando-a á altura dos olhos, fez fogo; o gatilho bateu frouxo: — Cruz! disse o assombrado,

descarregando o outro cano. Um grande estrondo abateu o silencio rolando trovejantemente, até que, no fundo bosque, outro tiro atroou como em resposta, mas o vulto continuou no seu molle balanço aereo com os longos braços magros abertos sobre o fundo espaço « Mandovi ! Mandovi ! » — Mandovi! pois sim... só si não ha Nossa Senhora. Abriu com os dedos crispados o peito da camisa e, com um safanão, arrancou duma fita que trazia ao pescoço um breve de couro e, fechando-o com força na mão, ameaçou com elle o vulto balouçante: Só si Nossa Senhora não tá qui. T'esconjuro! E, aos recuões, tornou pelo caminho que fizera afoitamente e, logo que, numa volta da estrada, perdeu de vista o vulto, deitou a correr desatinado.

A poeira adormecida levantava-se em nuvens sob os seus pés ligeiros e, na corrida, como se alguem o acompanhasse, com zombaria, por vezes, um grito resoava-lhe aos ouvidos. Justamente quando ia atravessando a ponte, pareceu-lhe vêr o mesmo vulto branco trepado num tronco secco, com os longos braços lividos e magros abertos sobre o fundo espaço. Estacou

esbaforido, arquejando e, com uma voz sumida, exhausto, esconjurou:

— Por Nossa Senhora da Conceição, demonio! sae da minha frente!» e, d'olhos fechados, para não vêr o horror, atirou-se, num arranco, vencendo a passagem.

Ia já pelas alturas do pasto, todo branco como um mar de leite, quando ouviu vozes e latidos. Deteve-se e, como havia uma depressão na barranca, sentou-se cançado, anciando, com suor a escorrer-lhe pelo corpo:

— Por Deus Nosso Senhor! nunca vi uma cousa assim. Jirimia tem razão..., i a gente qui tomava pagode co elle. Instinctivamente voltou os olhos para a estrada, como se ainda quizesse vêr a apparição e olhando ficou alli, esquecido e molle, vergado de fadiga, a raspar a fronte de quando em quando com o pollegar, para escorrer o suor que cahia na terra em fio. Justamente defronte do sitio em que havia parado, começava uma picada e longe, perdida entre arvores, num fundo negro, uma luzinha brilhava. Já as vozes vinham perto em algazarra; cães appareceram, correndo, abocanhando-se, mas

sentindo-o allie desconhecendo-o, acuaram ladrando.

— Eh ! cala a bocca, porcaria ! intimou o caboclo e os animaes, reconhecendo-o, abanando as caudas, festejaram-no. Estava elle a afagar a canzoada, quando os vaqueiros surgiram na volta do caminho. O negro vociferava esmurrando o espaço, quando um do grupo descobriu Mandovi. —Eh ! home! qu'é isso? Ocê aqui! Todos romperam a rir. Ahn ! muié é o diabo! — Oie só, bradou o negro mostrando a luzinha ao longe. E disse qui ia p'r'o *Serrinho*. Essa aqui se não é a picada do rancho do Casimiro eu não quero mi chamá Simeão. Eh ! véio onça... Tá di guarda no tôco. Coitada de nhá Nica ! Mandovi ia responder, mas, para que o não tomassem por medroso, porque teria de justificar com a verdade a sua presença n'aquelle ponto, levantou a cabeça e ainda com a voz cançada perguntou amuado.

— E isso é da conta de ôcê, Simeão ?

— Uai ! a gente tá brincando, Mandovi; não precisa zangá móde muié. Mas ninguem gosta di passá pur tolo. Qui ocê

foi... isso... tem paciencia, cumpade. Os vaqueiros affirmaram rindo:

— Eh! cumu não?...

Animado com a presença dos companheiros, o caboclo levantou-se, accendeu o cachimbo, e, sem dar mais attenção ao negro que continuava a tagarellar, perguntou:

— Ocês vão p'r'o *Serrinho?*

— Cumu não? a gente não tem rancho pr'a ficá.

— Rancho só? e aquella carinha que até faz dô quando a gente oia pr'a ella...

— Tá bom, gente, deixa de brincadeira. Casimiro é cumpanhêro i se isso chega ao ouvido delle... Bamo acabá com isso... Seguiram discutindo as ligeirezas de Manésinho e iam pelas alturas da ponte, quando Mandovi ouviu o grito na matta. Estremeceu mas, fingindo grande calma, perguntou:

— Que é isso que grita assim, gente?

— Então ocê não sabe? ocê não conhece sacy? E um dos vaqueiros, para rir, respondeu á ave sinistra.

— Deixa disso, Amaro. Não brinca com essas cousas não; disse o negro.

— Ocê tem mêdo? e estalou com a lingua. Elle que venha cá.

— Não falla assim, Amaro. A gente com um home péga mêmo, mas com essas cousas do matto não é bom brincá. E longe, no fundo arvoredo, a ave gritou de novo. Quando chegaram á altura da barranca, Mandovi, erguendo os olhos, aterrado, deu com o vulto balouçando-se e, involuntariamente, deteve-se:

— Qu'é isso, Mandovi? qu'é que ocê viu que tá assim sarapantado?

— Aquillo alli, na barranca.

— Onde?

— Oiá alli, aquella cousa branca?

— O' home?! aquillo é uma foia de parmêra qui dispencou... E o negro voltando-se para Amaro, recriminou-o.

— Tá vendo? ocê começa a brincá com essas cousas e Mandovi mêmo tá ahi cum mêdo. Deixa disso, rapaz. A gente não sabe isso qu'é pr'a que ha de andá bulindo? Não faz isso não, Amaro. Oia Jirimia... Tanto fez, tanto fez... Era outro qui, por causa di muié, botava o pé no caminho e nem qui visse o diabo havia di passá mêmo... não tá hi bobeando? Não

faz isso não, Amaro. Passavam justamente no sitio assombrado e Mandovi convenceu-se do que dissera o Amaro, vendo a palma a balouçar-se, quando um dos vaqueiros disse, detendo-se:

— Oia, foi aqui que o intaliano appareceu morto.

— Qu'intaliano?

— Esse da historia de Manésinho.

— Foi aqui?

— Foi; pertinho da barranca.

— Cumu é qui disseram qui foi na beira do rio?

— Não é capaz — foi aqui mêmo. Eu passei di menhã i vi o corpo já num mosquêro di mettê mêdo. Qué vê? e o vaqueiro foi pelo matto apartando os ramos, até que descobriu uma cruz diante dum taboa coberta de uma pasta de sebo derretido. Eu não disse? oia onde elle tá enterrado. Curvaram-se todos curiosamente e os cães, que haviam acompanhado os donos, mettiam-se pelo matto, aos galões, como se buscassem alguma presa. Quando os vaqueiros tornaram á estrada, o negro, que ia para o Cabuçú, tendo de os deixar,

despediu-se depois de haver apagado o cachimbo.

— Adeu, gente. Ocês foi fallá di tanta cousa qu'eu não sei cumu vou por esses matto sosinho... Oia, fogo já não levo mais... não, qu'eu não quero historia no caminho. Jirimia tá hi e Jirimia não tinha mêdo di nada.

— E ocê tá com mêdo, Simeão? perguntou Mandovi.

— Ocê pensa qu'eu tenho vergonha di dizê? Tô cum mêdo sim... Não, meu amigo, p'ra home ou p'ra bicho a gente estica uma lingua di ferro ou bóta fogo i passa, mas cum essas cousas da matta virge? Tomára a gente um buraco mode mettê a cara. Deus me livre... ! sou home pr'a outro home cumu eu, mas não quero sabê di incanto.

— Quá incanto...

— Quá incanto? poi sim. Ocê falla assim porque nunca se viu bambo c'uma dessas cousas, tá bom. Vai ti fiando. Jirimia tambem não tinha mêdo di nada, i hoje...?

— Tá bom, adeu!

— Adeu ! Apartaram-se. O negro seguiu com o cão pela estrada larga e allumiada e estendeu a voz:

> **Sapateia, moreninha**
> **Ocê não bate no chão,**
> **Pode batê sem receio**
> **Qui bate n'um coração.**

— Eh ! mêdo... bradou o Amaro, e Simeão, já longe, respondeu: — Hen... hen... E, atravessando a matta obscura, os vaqueiros, como para não interromperem o somno das cousas, iam calados, um a um, afastando ramos; os cães seguiam-nos em silencio e Mandovi, lembrando-se do vulto branco que se balouçava, com os braços lividos e magros abertos no fundo espaço, pensava com terror « Foi o intaliano mêmo qui mi appareceu... Foi o intaliano mêmo». E as folhas estalavam sob os passos e, de quando em quando, o que ia na frente, avisava: « Baixa gente, oia o páo... oia agua, gente; » e a marcha continuava em silencio, através da matta silenciosa.

SEGUNDAS NUPCIAS

A Araripe Junior.

I

Quando se disse que Julieta havia despido o lucto apparecendo com um vestido claro, de listas, e um ramo de malva e cravos entre as rendas do corpinho, no grande baile do *Club Aurora*, em toda a pequena cidade, desde os altos da rua Augusta até as ultimas casas da estrada que levava ás terras lavradas das fazendas, commentava-se o escandalo porque não havia ainda um anno que Silverio Donato, o collector, fôra levado ao Campo Santo numa tarde de grande chuva e trovões, pelos fins calidos de Janeiro.

Silverio, que vivera largos annos em celibato honrado, numa casinha de janellas verdes, á sombra fresca dum pomar, ao entrar os quarenta annos, sentindo-se muito só, com o Manoel, um velho hortelão e os pombos que vinham familiarmente comer á sua mão, sob a vinha esteril que colmava a varanda da sua casa pensou, mais para ter uma companhia do que mesmo por amor, em levar á egreja a filha da viuva Emerenciana, a loura Julieta que era, sem contestação, o mais formoso rosto e o corpo mais esbelto da cidade.

Na pharmacia do Seabra e no armazem do Pires fallou-se, com maldade, daquella loucura do collector que « até podia ser pai da menina » mas o casamento fez-se e, na sala austera do Donato, dansou-se toda uma noite e houve um copioso jantar sendo tantos os convivas que, muitos foram comer ao ar livre, em mesas de taboas toscas que os empregados da collectoria, querendo ser gentis com o companheiro, haviam estendido no jardim, sobre cavalletes, entre os cheirosos sabugueiros em flor.

Donato, nos dous primeiros mezes, não fez modificação alguma nos seus habitos: ás 9 da manhã, escanhoado e almoçado, com o seu cigarro ao canto da bocca, sempre de brim, descia lentamente a caminho da collectoria e lá ficava até ás tres da tarde sahindo, de quando em quando, á porta, para descansar os olhos alongando-os pela risonha paizagem de campos lisos que se estendiam, sem uma ondulação, até á base da collina onde os muros do cemiterio alvejavam ao sol. Quando o relogio da egreja batia as tres pausadas e sonoras badaladas methodicamente encerrava o seu dia, e, fechando o cofre e os livros, entregava a casa ao Fabricio que nella ficava tendo, como servente e guarda fiel, todos os aposentos do fundo onde vivia com a familia. Ia, então, até á pharmacia discutir a politica ou dava uma chegada ao armazem do Pires; uma ou outra vez, nos dias de bom humor, subia ao Club para fazer umas carambolas com o Sá ou com o Vidoeira, dos carros, á cerveja. Recolhia-se á hora do jantar e, empurrando a cancella do seu jardim, ficava um instante a escorar as roseiras

ou a ver as orchidéas, depois, sem alvoroço, como um pai, beijava a fronte branca de Julieta que sempre lhe apparecia em alegres vestidos, penteada, perfumada e com flores.

Com os tempos, porém, Donato se foi tornando taciturno: uma sombra de desconfiança empanava-lhe a vida calma. Uma tarde, entrando em casa, foi direito á horta onde o hortelão andava a regar as alfaces e, chamando-o á parte, discretamente, como em confidencia, perguntou:

— Esteve hoje alguem aqui, Manoel? O homem, no mesmo tom de sigillo e mysterio, arregalando os olhos e meneando com a cabeça grisalha e empastada de suor, respondeu:

— Não, senhor; ninguem. Se via a mulher triste interrogava-a com o sobrolho carregado, se a via alegre ficava num grande cuidado sem atinar com a causa daquelles risos casquinantes.

Na collectoria os companheiros começaram a notar que o Donato, dantes tão assiduo na repartição, não arredando o pé senão quando o relogio da egreja dava ás tres horas, mezes depois do casamento,

furtando-se ao serviço a pretexto disto ou daquillo, sahia, de quando em quando, para ir á casa, tornando, pouco depois, sempre carrancudo. Os companheiros, sorrindo, cochichavam : — « Ah ! meu amigo, mulherzinha moça e bonita... pudera! Donato anda com a pulga atraz da orelha. »

Se alguem lhe dizia, para ser amavel, que havia encontrado Julieta, os olhos do collector fulguravam como accesos em colera, descerravam-se-lhe os labios e logo, em ancia mal disfarçada, perguntava : — Onde? se ia só, para que lado se dirigia; e, á noite, no seu gabinete, com severidade, interrogava-a terminando sempre por umas palavras pesadas e sentenciosas. Numa dessas vezes chegaram ao extremo. Elle disse :

— Vê lá, Iêta, olha que isto aqui é uma terra pequena e de maledicencia, falla-se de tudo e eu não quero o meu nome arrastado pelos negocios como anda o do Valerio que até serve de chacota aos negros das fazendas. Vê lá!

— Então eu não posso mais visitar mamãi?

— Não digo isso, mas não quero que estejas todos os dias na rua. Fallam : eu bem ouço o que dizem dos outros. Fallam...

— Ninguem se livra de uma calumnia. Estas palavras de Julieta, ditas ingenuamente, despertaram o ciume no espirito sobresaltado do collector que, com uma voz surda, os olhos injectados, num impeto grosseiro, nunca visto, avançou para a mulher que recuou aterrada como diante de um assassino.

— Porque dizes isto? Porque? falla! Então já tens mêdo de que digam alguma cousa? E, com um dedo hirto, ameaçador, a physionomia demudada Donato jurou: — Olha, Iêta, se me constar alguma cousa a teu respeito... eu não sou homem de prometter em vão. Vê lá! Pensas que não percebo que não gostas de mim?

— Eu?!

— Tu, sim. Pois olha, mesmo que eu morra... mesmo que eu morra... casa com outro..! casa com outro! e has de vêr!

Vendo, porém, que a mulher commovia-se, em tom mais brando, carinhoso, disse-lhe:

— Porque não escreves á tua mãi para que ella te venha vêr? Que fica ella fazendo

em casa? que venha! E, de uma vez para sempre, precisamos acabar com esses passeios. Trouxe até hoje o meu nome muito limpo e não quero agora, depois de velho, que o enxovalhem por ahi, de loja em loja. Não, senhora! Quando quizer sahir previna-me para que eu a venha buscar: uma senhora casada só vai á rua com seu marido.

— Pois sim, disse resignadamente Julieta. E, para evitar outras scenas, nunca mais sahiu só; com elle ia ás missas, a visitas, ás compras e, se algum homem subia á casa das janellas verdes, na ausencia de Donato, Julieta, sem mesmo apparecer, gritava — que o marido estava na collectoria ou mandava uma negra despachal-o.

Por indiscrição de alguma das escravas as scenas mais intimas da vida do collector chegavam á pharmacia e ao armazem do Pires e, á tarde, entre os bocaes de grageas, emquanto rotulava uma poção ou pesava uma dosagem o Seabra, derreando a cabeça, espiando por cima dos oculos escuros ria, desdentado, criticando o collector, contando episodios domesticos:

— « E' uma féra, o tal homemzinho. Dizem até que fareja os lençóes da cama

para ver se encontra o cheiro de alguem que alli andasse. E' uma féra! quem diria!»

E, nos voltaretes do armazem, o motivo das conversas era o ciume do Donato: « O pobre homem está até ficando magro, já nem cuida da barba e não lustra os bigodes. »

Essa vida, porém, foi de curta duração porque, tendo vindo á capital, a negocio num Janeiro epidemico, quando, á tarde, desembarcou na estação da cidade, ardia em febre e tinha a cabeça a estourar. Julieta e D. Emerenciana desvelaram-se á sua cabeceira e os tres medicos da cidade, ajudados pelo Seabra, foram de uma rara solicitude não conseguindo, porém, combater o mal que levou o infeliz collector, em menos de uma semana, com uma agonia commovedora.

Foi grande a consternação na cidade mas, como dissessem que elle havia morrido de febre amarella, poucas pessoas concorreram ao enterro mesmo porque, quando o caixão foi retirado da sala de visita jorrava uma chuva batida de ventos alagando os campos e um lençol d'agua barrenta precipitava-se, com escachôo, pela ladeira pedregosa e ingreme.

A' noite, na pharmacia, fallando-se, com lastima, na morte do Donato, alguem aventurou: « Ora, a Julieta está arranjada. O Donato deixou bens e, aqui entre nós: parece que ella não sentiu grande cousa... mesmo aquella scena na hora da sahida do enterro, aquillo de vir do quarto desgrenhada, em soluços, pedir que elle a viesse buscar... comedia, meus amigos; comedia. Ella agora está livre, e moça; póde escolher. »

— Isso é que é, mesmo porque o Donato (Deus lhe falle n'alma!) foi um carrasco para a rapariga. Afinal, uma moça —porque ella não tem ainda dezenove annos—gosta de divertir-se e elle, nem uma só vez, permittiu que ella fosse a uma das partidas do Club.

— Ciumento até alli!

— Era demais!

— Uma féra!

II

O apparecimento de Julieta no grande baile do *Club Aurora* foi o motivo das palestras durante toda a semana. O Seabra, apenas por espirito de contradicção, defendeu-a:

— Ora, deixem lá. Faz muito bem, está na idade e, durante a vida do marido, nunca sahiu de casa para um baile nem para um espectaculo. Deixem lá! Se fosse uma velha... Outras ha por ahi, quarentonas, que fazem peior. Olhem a Anna Medeiros, — essa, um mez depois da morte do marido, abria a janella dos fundos, a horas mortas da noite, para receber o Manoel Valente, e tem tres filhos.

A opinião do pharmaceutico creou adeptos e Julieta teve defensores, posto que as matronas severas não lhe perdoassem o

desanojo intempestivo e os modos desembaraçados com que se portára no *Club*.

Depois da morte do collector a viuva, para não ficar na casa que tantas recordações lhe trazia, mandou defumal-a e limpal-a e alugou-a, transferindo-se com a mãi, para um sitio d'onde vinha, de raro em raro, á cidade fazer compras. Visitavam-nas as amigas e poucos homens, sendo mais assiduo o Dr. Passos que, ás vezes, quando lhe dava na cabeça, guiava a egua para os cafesaes do *Bambual* e, saltando junto da varanda, subia gritando, mesmo da porta, que lhe arranjassem um pouco de doce e uma chicara de café; estirava-se no sofá com um livro e alli ficava lendo até que o sol abrandasse para retomar o caminho.

Era um intimo, delle ninguem desconfiaria porque fazia o mesmo em todas as casas e fazendas do municipio. Caridoso, seguindo, ao sol, pelas estradas largas, ao passo lento da egua, com um livro aberto diante dos olhos, as redeas abandonadas, detinha-se para ouvir as queixas de um negro enfermo que sahia ao caminho com a enxada e, quasi de joelhos,

com o chapéu na mão, tomava o passo ao animal e gemia fallando dos seus soffrimentos, interrogava-o balançando as pernas, e abrindo a carteira, fazia do livro apoio e receitava a lapis recommendando ao negro, invariavelmente — que não bebesse.

Foi no sitio do *Bambual* numa noite fria de Junho, com desabridos ventos e aguas desabaladas, que appareceu, molhado e transido, já quando as portas e as janellas iam sendo fechadas, um homem que, ao entrar na sala, fez com que as duas senhoras estremecessem de pavor. Alto e magro, pallido, com um farto bigode negro e negros cabellos era o retrato vivo do finado Silverio Donato, apenas os olhos pareciam mais meigos sob as negras pestanas, entre olheiras roxas.

Quando o viram, D. Emerenciana e Julieta, abriram a bocca como se quizessem bradar por alguem, mas, o Dr. Passos, gottejante, com as abas do chapéu de palha derreadas sobre os hombros, a escorrerem, as calças colladas ás pernas, as mãos pingando, foi da porta pedindo alguma cousa porque estava encharcado e, só depois de

haver bebido um trago, apresentou ás senhoras o companheiro que introduzira.

— Luiz Peres, meu companheiro de *banho*. Vinhamos por ahi fóra quando fomos sorprehendidos por esse aguaceiro tremendo. Está um horror! Não se vê nada, os animaes atolam-se. E pediu que mandassem recolher os cavallos que haviam ficado á chuva, tiritando. As senhoras, querendo ser gentis com elle, posto que tivessem escrupulos de receber dous homens em casa, offereceram um dos quartos do fundo onde poderiam passar a noite agazalhados, porque era uma falta de coração deixar que duas creaturas fossem, com aquelle tempo, pelos caminhos escuros e cavados.

D. Emerenciana chamou as negras e, em pouco tempo, foi servida a ceia. Emquanto comia o Dr. Passos, garrulo e communicativo, recordava episodios do tempo de Donato e Julieta, mais intima, ousou observar a parecença do hospede com o seu finado marido. O Dr. Passos servindo-se de dôce, lançou um rapido olhar ao rosto do seu companheiro e disse sem preoccupação, levando á bocca uma colherada:

— Sim, tem traços.

— Traços, não, emendou D. Emerenciana, parece-se mesmo muito; nem que fossem irmãos. O hospede sorriu e, ao despedir-se para recolher-se ao quarto, emquanto o Dr. Passos tomava um punhado de biscoutos, poz com tanta demora os olhos tristes em Julieta que a viuva estremeceu e, no quarto, despindo-se, confessou á mãi que estava impressionada e até com medo porque nunca vira duas creaturas assim tão parecidas. D. Emerenciana concordou mas adormeceu, Julieta, porém, só pela madrugada, quando os gallos começaram a amiudar, conseguiu conciliar o somno.

Quando se levantou, ás dez horas, já o Dr. Passos e o de nome Peres haviam partido e ella encontrou, sobre o consolo da sala, junto ao relogio, em uma concha de madreperola um cartão de visita com o nome « Luiz Peres » e, em lettras miudas, pouco abaixo — *lavrador*. Muito se fallou no sitio de semelhante homem e, quando o Dr. Passos appareceu Julieta interrogou-o informando-se minuciosamente, com curiosidade, do que fôra seu hospede.

— Conheço-o pouco. Joguei duas vezes com elle o voltarete e a manilha; é um excellente parceiro e boa prosa. Disse-me o Dimas que elle anda a ajustar uma fazenda lá para os lados do Paty. As senhoras estranharam que o medico, conhecendo tão superficialmente o homem, andasse com elle em viagem e o tratasse com tanta intimidade.

— Que querem? sou assim... e elle é um homem limpo, vê-se logo, o Dimas conhece-o. E não é tolo; tem a sua leitura e exprime-se com muita pureza. Demais, querem saber? eu nada receio. Ladrões? só se me quizerem levar o relogio e a egua, dinheiro não acham. E sacudiu o collete, esticando o beiço. Sabem os defeitos que nelle encontro? falla pouco e tem sempre as mãos geladas.

— E' verdade, affirmou D. Emerenciana; eu notei isso naquella noite, mas attribuí á humidade porque os senhores chegaram aqui como uns pintos.

— Não, elle é sempre assim, disse naturalmente o medico. Mas tem uma qualidade que o torna precioso em viagem: os cães fogem delle como o diabo da cruz.

Não ha cão que, em o avistando, não se ponha a andar, com as orelhas murchas e o rabo entre as pernas.

— Porque?

— Não sei. Quando lhe perguntei a razão desse mysterio disse-me, sorrindo, que era um segredo. Para uma terra como esta onde os cães andam ás centenas, atirando-se ás canellas de quem passa, não póde haver melhor companheiro de viagem.

III

Julieta levou muito tempo a pensar no homem pallido, de olhos tristes mas, pouco a pouco se lhe foi desvanecendo a impressão e voltou á sua alegria de passaro livre. Foi em Dezembro que seu primo Prates, agente da estação e secretario do *Club Aurora*, mandou-lhe um convite para o grande baile do Natal compromettendo-se a ir buscal-a com a irmã e a dar-lhe hospedagem na cidade em casa da familia.

Sussurrava-se que o Prates andava a fazer a côrte á prima, com interesse, porque o sitio, com a administração intelligente e zelosa de D. Emerenciana, prosperava e o dinheiro do collector rendia empregado em predios solidos, em terras arrendadas e em apolices. O Pires affirmava

convictamente que o Prates já havia feito o pedido e tratava do enxoval guardando reserva, por emquanto, para que as más linguas não fallassem da precipitação da viuva e, quando a viram chegar no troly, com a Eugeninha e o Prates, de roxo, corada e forte, as vozes cresceram, e no armazem o Pires, triumphante, bradou :

— Então ? que dizia eu ? Estão elles ahi como dois pombinhos. O Prates é um fe lizardo : vai metter-se em cobreira e leva uma mulher que é... concluiu levando os dedos em feixe á bocca e chuchurreando um beijo. A' noite foi um escandalo quando ella appareceu no *Club* com um vestido claro, de listas, e um ramo de malva e cravos entre as rendas do corpinho.

Dansou sem preferencias mas, ás onze e meia, estando a uma janella com as filhas do engenheiro da estrada, que haviam tomado parte no concerto, empallideceu de repente e estremeceu tão forte que as meninas notaram, e logo, delicadas, aconselharam que sahisse da janella porque a noite estava esfriando e ella podia apanhar alguma cousa alli exposta... mas não fôra o frio da noite...

Os olhos azues de Julieta haviam descoberto no fundo da sala, sempre triste e pallido, o hospede da noite tormentosa e já elle encaminhava-se lentamente para a janella porque tambem a reconhecera. Fazendo um ligeiro e gracioso cumprimento ás meninas estendeu-lhe a mão, e, como estava sem luvas, ella estremeceu ao contacto dos seus dedos molles e gelados. Fallaram algum tempo mas, como déssem signal para uma quadrilha, elle despediu-se tirando-a para a primeira valsa. Quando o viu longe Julieta observou ás filhas do engenheiro e á prima :

— Viram como este homem se parece com o meu finado marido?

— Com seu Donato? é verdade! affirmou Eugeninha. E' mais magro mas parece-se muito.

— E' de impressionar.

— Quem é?

— Dizem que anda por aqui a negocio; quer ficar com uma fazenda no Paty.

— E' formado?

— Creio que não. Organizavam as quadras e o Prates, azafamado, veiu tiral-a offerecendo-lhe o braço; outros rapazes

levaram as filhas do engenheiro. Quando Luiz Peres tirou-a para a promettida valsa Julieta abandonou-se como uma criança, com medo e, emquanto gyrava, á claridade fulgurante das luzes, arfando, sentia na cintura a impressão fria da mão do seu cavalheiro e, levantando timidamente os olhos, encontrava-lhe a face pallida, a bocca descorada e os olhos amortecidos como os de um somnambulo.

Foi nessa mesma noite, no vão de uma janella, emquanto os pares volteavam vertiginosamente que Luiz Peres, fallando da sua fortuna e da solidão em que vivia, exprimiu-lhe a sua sympathia, ousando pedir-lhe a mão de esposa. Ouvindo-o Julieta estremecia e vibrava como se ouvisse um tumulo — era a mesma voz de Donato, as mesmas expressões peculiares notadamente um « aliás » que elle, a todo instante, empregava por vicio.

Não teve forças para responder, deixou-se arrastar em outra valsa e não repelliu o aperto de mão com que elle, ao luzir da manhã, quando os gallos cantavam pelos quintaes vizinhos, despediu-se e partiu. No mesmo dia, apezar da fadiga, ao cahir da

tarde morna, quando os mandacarús começavam a cheirar, pediu ao Prates e á Eugeninha que a reconduzissem ao *Bambúal*, e, logo ao descer do troly, em ancia, sofrega, tomando D. Emerenciana á parte, confessou-lhe que «o homem que alli havia apparecido com o Dr. Passos, naquella noite tempestuosa, pedira-a em casamento.»

D. Emerenciana rompeu a rir maravilhada :

— Quê ! pois um homem que te viu pela segunda vez, que a gente não sabe quem é... E tu ? que disseste ?

— Eu ? nada, confessou Julieta. Não sei que me dá quando vejo esse homem, fico tôla, com mêdo... Tenho mêdo delle por que me lembro do outro.

— Ora, deixa-te disso... O outro, coitado!

— E' verdade, mamãi. A senhora sabe como elle era ciumento — andava sempre a dizer que eu queria que elle morresse para casar com outro... A senhora bem sabe.

— Então se te apparecer um bom partido rejeitas ?

— Não sei, mamãi. Ha certas cousas que a gente não explica mas a verdade é que eu não vejo esse homem que não me lembre do finado.

— Ora, é porque elle tem traços do seu Donato... Mas ha tanta gente parecida no mundo. Emfim, faze lá o que quizeres.

— Mamãi que acha?

— Eu não sei, minha filha, isso é comtigo.

— Mas eu prometti ao Donato...

— O que?

— Não casar mais...

— Ora, minha filha, isso é cousa que se prometta? Se fosses uma velha mas, com dezenove annos... Emfim, eu não quero metter-me nisso. Tu sabes melhor do que eu o que deves fazer.

— Não! falla, mamãi...

— E' isso, minha filha. Se queres casar, casa; se não queres deixa-te estar como estás, tens o necessario para viver, és ainda muito criança.

— Mas... que hei de eu dizer se elle insistir?

— Isso é comtigo. Eu já disse: se queres casar, casa.

— Mas, mamãi não acha que é muito cêdo?

D. Emerenciana deu de hombros e Julieta resolveu evitar encontros com o homem dando-lhe a perceber má vontade.

Oito dias depois um pagem appareceu no sitio com uma carta e uma joia. Na carta Luiz Peres pedia permissão á Julieta para offerecer-lhe « aquella lembrança » perguntando se consentia que, no proximo domingo, por alli passasse para vel-a. A viuva hesitou longamente, torturadamente, antes de responder, por fim, com mão tremula, agradeceu num cartão, ajuntando « que o esperava em companhia da mãi, no dia aprazado ». Com receio de arrepender-se fechou a envelope ás pressas e entregou-a ao portador que partiu.

No domingo determinado Luiz Peres appareceu, á tarde, com um lindo ramo de rosas vermelhas e, á noite, quando montou a cavallo, com o luar sereno, despedindo-se, Julieta ficou debruçada á varanda, com melancolia e saudade, a pensar no casamento que fôra ajustado para os primeiros dias de maio.

IV

Por escrupulos Julieta não quiz que a ceremonia se realizasse faustosamente na egreja da cidade. Tendo uma capellinha no sitio ficou resolvido que nella se effectuaria o acto, com pouca gente, apenas os intimos e alguns parentes. D. Emerenciana encarregou-se do banquete pondo todas as negras em faina: umas a ralarem côco, outras a depennarem aves ou a amassarem farinhas e os negros, desramando mangueiras, enfeitaram o terreiro e levantaram arcos de folhagem.

O Prates tomara a seu cargo convidar alguns musicos da cidade porque, certamente, as moças haviam de querer dansar mas, D. Emerenciana, sempre

ponderosa, oppoz-se: « Não achava decente, era uma viuva de pouco tempo, entendia que deviam fazer o casamento á capucha, com um jantar apenas, para não dar que fallar. » E assim foi feito.

Luiz Peres appareceu ás onze horas, num lindo cavallo preto, com jaezes de prata. Já o padre Honorio impacientava-se, ia e vinha, resmungando, com as mãos para as costas e o Dr. Passos fazia pilheria dizendo á Julieta, que esperava vestida, no sofá, entre as primas — que o homem abalara arrependido, quando se ouviu o trote do animal e elle appareceu, mais pallido que nunca, de preto, os olhos profundamente tristes e sem brilho. O padre, que o via pela primeira vez, confirmou as palavras de Julieta — que realmente era o retrato do finado. E augmentou:

— Assim é melhor, é como se não tivesses enviuvado. Imagina que o Donato voltou de uma longa viagem...

— Cruzes! esconjurou D. Emerenciana, supersticiosa. Luiz Peres, muito gentil, desculpou-se da demora attribuindo-a aos caminhos, e, depois de um curto

repouso, notando a impaciencia do padre, que ainda tinha o Mez de Maria, á noite, na cidade, dispoz-se para a ceremonia.

A capellinha ficava nos fundos da casa — era uma sala com um altar onde ardiam cirios alumiando um crucifixo e a imagem angustiada de Nossa Senhora das Dôres. Duas janellas, largas e desaffrontadas, davam para a horta e por ellas o sol entrava radioso e via-se o céu muito azul e sem nuvens.

Finda a ceremonia passaram todos á sala de jantar para o almoço e, justamente no momento em que Luiz Peres empunhando a taça, agradecia um brinde do Dr. Passos que citara Horacio, em latim, Julieta estremeceu na cadeira e, cravando os olhos na mão pallida do marido, ficou a tremer, com os labios tremulos, como se quizesse pronunciar uma palavra que sempre lhe fugia.

Todos notaram a sua perturbação e D. Emerenciana, cuidadosa, levantou-se para perguntar se estava sentindo alguma cousa, ella, então, attrahindo-lhe a cabeça, com uma voz que o terror ensurdecia, disse-lhe ao ouvido :

— Olha para o annel que elle tem, mamãi; no dedo minimo . . . no dedo minimo . . . é o do Donato.

A velha procurou vêr mas, Luiz Peres já havia recolhido a mão e conversava tranquillamente com Eugeninha que lhe ficara á esquerda, muito apertada, anciando no collete, com um fornido ramo espetado no corpinho em cujas flores, por vezes, o seu queixo agudo roçava.

— Deixa disso, minha filha. E como a velha se retirasse, Julieta, franzindo a fronte, poz-se a accenar affirmativamente com a cabeça, garantindo.

— Que mysterios são esses ? perguntou o Dr. Passos puxando uma compoteira, e o Prates, pondo-se de pé, com o olhar inspirado e as melenas revoltas, pediu licença para um brinde. Na varanda apinhavam-se negros e negras curiosos, endomingados e, de vez em quando, uma escrava da casa ou um pagem de algum sitio visinho apparecia com uma bandeja de flores ou com uma carta.

Ao fim do almoço o Dr. Passos propoz um voltarete convidando o padre e Luiz Peres e arrastando o Prates que, apezar

das observações de D. Emerenciana queria, a todo transe, arranjar uma quadrilha posto que o velho piano, sem marfim, com as teclas escuras, mostrando a madeira, como uma bocca immunda, falhasse quasi todas as notas. Julieta, a pretexto de fadiga, recolheu-se um instante ao quarto com Eugeninha e D. Emerenciana e, atirando-se ao leito semeado de petalas de rosas, forrado por uma colcha de setim azul com um centro de crochet ennastrado de fitas, a mesma que servira na noite do seu primeiro matrimonio, rompeu a chorar, nervosa. Debalde tentaram tranquillisal-a—estava impressionada com o annel que vira no dedo de Luiz Peres.

— Mas, minha filha, então os ourives fazem um annel só? Os teus brincos não são iguaes aos meus? Eugeninha não tem um broche como o de Elvira? Que cousa! Tu estás nervosa, isto é que é. Toma um pouco dagua e vamos lá para fóra porque estamos com a casa cheia e não sei que parece vires encafuar-te no quarto deixando as visitas. Isso é feio.

— Eu estou com o coração tão apertado, mamãi... Não sei que me vai acontecer... Nunca estive assim... Parece que vou morrer.

— Ahá ! tola... Passa um pouco dagua nos olhos e anda.

— Se eu soubesse não me casava. A muito custo trouxeram-na para a sala onde as moças haviam organisado um jogo de prendas emquanto o Dr. Passos e os parceiros carteavam o voltarete, tomando goles de cerveja.

Ao cahir do sol o padre levantou-se « cansado de tomar codilhos » e pediu o troly, o Prates imitou-o. Foi o signal da partida, apezar das instancias de todos.

— Seu padre sim tem razão, mas os outros...

— Não, não... vamos todos. O tempo não está seguro. E os trolys sahiram para o terreiro e já os cavallos ensilhados, juntos, guardados por um negro que segurava um feixe de redeas, esperavam, sob o alpendre. Começaram as despedidas e cada qual procurou o seu troly ou o seu animal e, abrindo a marcha, o troly do padre partiu rangendo, tirado por

uma parelha de bestas ruças que iam pisando as folhas que enfeitavam e perfumavam a rua sombria e larga de bambús onde sabiás cantavam.

E o sitio entrou em tranquillidade ficando os noivos e D. Emerenciana na varanda, á fresca — Luiz Peres resolvendo sobre uma proxima viagem ao Paty para verem a fazenda emquanto os negros, no terreiro de café, cantavam e dansavam. As pombas arrulhavam com melancolia, desferiam os sabiás suavissimos e no céu, dum tom violaceo, já appareciam as primeiras estrellas; as cigarras chiavam e o aroma doce das laranjeiras em flor passava na fresca respiração da tarde. Foi D. Emerenciana quem propoz que se recolhessem porque com as nevoas, começava o frio.

Accesas as lampadas belgas serviu-se o jantar; pouco comeram e cedo recolheram-se. Fechadas as portas e as janellas um grande silencio cahiu. De longe em longe um boi mugia no curral e os cães dos negros uivavam pelos caminhos.

— Ah! mamãi, não sei que tenho! suspirou Julieta emquanto D. Emerenciana, carinhosamente, ajudava a despir-se.

— Ah! menina! parece tola. Que é que você quer mais? um homem sério, com fortuna. Levanta as mãos para o céu. Tomara a muitas a mesma sorte.

— Não sei.

O relogio da sala de jantar poz-se a bater, com vagarosa solemnidade, sonoramente, ás dez horas.

V

Quando D. Emerenciana, depois de haver despido e beijado a filha, que murmurou, com voz de choro « que nem na primeira vez ficára tão nervosa » sahiu do quarto suspirando, seguida da negra que levava o lampião, Luiz Peres, que esperava na sala de jantar, encostado á mesa, immovel e pallido, apertou-lhe a mão e seguiu lentamente pelo comprido corredor sombrio, em surdos passos, como se não quizesse despertar o silencio dormente da casa apagada.

A velha senhora, perdendo-o de vista, ficou pedindo a Deus pela filha e ouviu a chave ranger asperamente na fechadura ; depois, com outro suspiro, retirou-se para os seus aposentos com a negra que acompanhava mascando o seu fumo e pedindo,

em resmungos, as bençãos do céu para a menina. Cães uivavam ao longe, de espaço em espaço ; ouvia-se o sussurro do arvoredo que as brisas nocturnas refrescavam.

Luiz Peres entrou no quarto e, sem mesmo voltar os olhos para o leito, em penumbra, onde Julieta, transida, encolhia-se com os olhos cravados nelle, sem uma palavra, foi direito á commoda e soprou a lamparina. A escuridão foi subita e abafada. Julieta levantou a cabeça do travesseiro, entreabriu os labios mas não teve animo de fallar e, de novo, vagarosamente, receiosamente, deitou-se, encolhendo-se. Não havia o menor ruido no quarto como se ella alli estivesse só, abandonada ; pelo seu corpo passavam relampagos de medo.

De repente, no absoluto quiete, uma cousa cahiu balôfa, depois outra, outra depois e, em seguida, uma trepidação como de galhos seccos estalados tiritou no silencio e na sombra. Julieta, com o coração em sobresalto, sentou-se na cama prestando attenção. A bocca secca e ardente, os olhos abertos, queimando, ella olhava sem ver, fixamente,

duramente, ouvindo um zum-zum como do vôo ininterrompido dum enxame de abelhas quando, de novo, a trepidação se fez, mais forte como se se avizinhasse do leito.

Ella perguntou :

— Que é isso ? Não teve resposta e o ruido sinistro aterrava-a quando a cama rangeu e ella ouviu um estrepito secco como o que fazem os bilros entrebatendo-se nas almofadas de rendas.

— Que é isso, meu Deus do céu ! ? exclamou sem obter resposta. Quiz, então, levantar-se : afastou as cobertas, já retirava uma perna mas, sentiu-se agarrada por duas mãos friissimas e, sem forças para gritar, deixou-se cair e ficou estatelada, a anciar, fria, ouvindo as pancadas do coração, tão fortes que parecia atroarem o silencio negro e temeroso.

Poz-se a rezar mentalmente mas deteve-se... Como que alguem ria alli perto. Sim, riam: uma gargalhada abafada e tremida e, por entre o riso, o nome carinhoso com que o outro a tratava, com a mesma inflexão, com a mesma doçura, soou-lhe aos ouvidos : « Iêta ! Iêta ! » E

as mãos frias visitavam-lhe todo o corpo gelando os pontos onde se demoravam; por ultimo, chegando ao collo, martyrisaram-lhe os seios rijos. Ella escabujava, arquejava, debatia-se querendo fugir á gélida pressão, mas sentia-se empolgada como se estivesse amarrada á cama. Subito, com voz surda e tremula, numa evocação inconsciente, poz-se a dizer :

— Deixa, Donato ! Deixa... !

A gargalhada secca tremeu de novo com ironia ferina e, como ella tentasse um grito, precipite uma das mãos geladas abafou-lhe a bocca emquanto a outra, carinhosa, alisava-lhe os seios andando em torno delles maciamente, gelada e gelando. Logo sentiu-se agarrada num pulso, noutro, e, de braços abertos, com dois joelhos agúdos sobre as coxas, ficou no leito dominada, sentindo um corpo frio sobre o seu corpo, uma bocca nevada e sem halito sobre a sua bocca ; apertou os labios mas, cerrando os dentes, trincou qualquer cousa aspera que crepitava e amollecia em lama na sua bocca e um gosto forte de terra enojou-a — poz-se a cuspir e a baba, grossa e viscida, escorria-lhe pelos cantos da bocca. Debateu-se

mas, fraca, vencida, succumbiu á força brutal do marido que assim, na treva e no silencio, mudo e frio, possuia-a.

Teve ainda energia para lutar, com a bocca abafada e presa, mas, quando arqueou o ventre e fincou a cabeça no travesseiro, num supremo esforço, procurando desenvencilhar-se ouviu, bem no ouvido, em surdas palavras que nenhum halito trazia : — « Eu não te disse que não casasses? Eu não te disse...? » E foi só, mais não ouviu porque desfalleceu.

Cantavam os gallos saudando a manhan que nascia quando Julieta despertou com um grito. Debateu-se e, com um impeto, atirou-se abaixo da cama, rolando sobre o tapete, embrulhada nos lençóes. Aos gritos, afastava as cobertas, jogando-as longe e ergueu-se, atirando-se desatinadamente, com os braços estendidos, as mãos abertas, pelo quarto, indo de encontro aos moveis. Achou a parede e, allucinada, com um surdo rugido, desorientadamente, passava as mãos espalmadas procurando a porta e atirava murros ás paredes que resoavam como ôcas; gritava e chorava; por fim, seus dedos magoaram-se na

chave : deu volta sem acertar, arrancando a chave da fechadura, num empuxão que lhe fez perder o equilibrio indo parar no meio do quarto; tornou com o braço estendido, a tremer, procurando o intersticio.

Já de fóra, acudindo ao seu clamor, gente empurrava a porta com violencia e a voz angustiada de D. Emerenciana bradava por ella. Por fim, acertando com a chave na fechadura, deu volta. Abriu a porta e, precipitando-se, num assombro horrivel, foi de encontro á mãi e ás negras e poude apenas dizer, numa voz soturna e exhausta: Donato! — e fugiu pelo comprido corredor com um grito lancinante que não acabava, vibrando na casa ainda obscura e fechada.

Ouvindo os passos de D. Emerenciana e das negras que corriam traz ella querendo tranquillisal-a, Julieta atirou-se ás portas e ás janellas da sala de jantar, lançou as mãos crispadas ás paredes raspando-as, arranhando-as, como se quizesse subir por ellas por fim, encantoando-se acocorada, desgrenhada, com os olhos grandes e fulgurantes, murmurando sem tino, poz-se a gritar, os braços diante do rosto, como para

afugentar o horror, dizendo, num grande frenesi: — « E' Donato! olha!... » e, com o braço hirto, o dedo espetado, o olhar fixo, mostrava o invisivel, além! no fundo corredor em treva: — « Olha! Olha! Olha lá! » A muito custo levaram-na para o quarto de D. Emerenciana, deitaram-na e um negro foi despachado, a cavallo, para buscar o Dr. Passos.

Uma das mucamas, mais ousada, indo ao quarto dos noivos para abrir a janella, logo que a luz entrou illuminando o desordenado aposento, fugiu espavorida, aos gritos; moleques, que haviam ficado á porta, espiando, correram com ella, gritando, posto que nada houvessem visto. E ninguem ousou mais chegar ao corredor, mesmo os cães que estavam em casa ficavam debaixo da mesa da sala de jantar, arrepiados olhando, rosnando e ganindo. Quando o medico appareceu, tarde, porque o escravo teve de ir buscal-o a uma fazenda, pasmou do que lhe contaram posto que o negro já lhe houvesse dito « que o marido de nhãsinha era o senhor, que passára a noite com ella e desapparecera com toda a casa fechada.»

Sendo grave o estado de Julieta receitou mandando, á pressa, um portador á cidade com uma nota ao Seabra para que aviasse, com urgencia, a receita.

A desventurada, apertando com ambos os braços o travesseiro, escondia nelle o rosto e, se alguem lhe tocava no corpo, esperneava, rugia, num terror incombativel. O medico, apezar das observações de D. Emerenciana que « sentia um grande abalo no coração com aquillo » quiz visitar o quarto e, como Julieta entrasse num periodo de calma, já attendendo á mãi, posto que, tirando os olhos do travesseiro e encontrando gente, gritasse e, de novo, com pressa, atabafasse o rosto, foi, com uma velha negra, ao aposento nupcial.

Logo que entrou viu a desordem dos moveis e do leito mas, baixando os olhos, descobriu alguma cousa no soalho que lhe attrahiu a attenção — agachou-se e poz-se a passar a mão pela terra que havia espalhada desde a commoda, fazendo uma trilha, até á cama, tambem terrosa, e, sobre a trilha do chão e sobre a terra da cama havia perpetuas seccas, petalas de

goivos e duas florinhas de louça da côr das violetas.

A negra ficara á porta estarrecida. Depois de olhar, de examinar, o medico perguntou:

— Este quarto foi varrido? A negra resmungou:

— Hum! hum! cumu não, sô dôtô. Então a gente não havia de barrê?

O medico levantou os olhos para o tecto, muito branco da recente pintura e perguntou:

— De onde é esta terra então?

— Poi vasmicê não ta vendo logo? Isso é de lá... e persignou-se.

— E elle? A negra fez de novo o signal da cruz em todo o peito, com a mão aberta beijando-a na palma e deu volta como para sahir: Uai!... Mas, tornando, com mysterio, entrou no quarto arregaçando a saia para que nem a barra roçasse por aquella terra mysteriosa e disse:

— Nhanhã conheceu elle, sô dôtô. Ella não devia casá: Sinhô tinha muito ciume e dizia sempre quando brigava, que elle havia de vortá. Nhanhã divia dêxá passá más tempo móde elle esquecê.

- Mas por onde passou elle? Aquella janella amanheceu aberta?

— Não, sinhô: foi Maria qui abriu. Nhanhã u qui deve agora é mandá resá umas missa. Isso não é di hoje, não, nhonhô: dêsni qui sinhô moreu qui tem apparecido côsa... Inté parece qui us bicho via elle di noite vasmecê não imagina us cachorro cumu gritava parecia qui estava batendo nelles. E' mêmo, nhonhô. O medico, impressionado, deixou o quarto lentamente indo, de novo, examinar Julieta. Achando-a melhor chamou á porta D. Emerenciana e disse-lhe baixinho:

— Ella está agora mais descansada e eu vou aproveitar para dar um pulo á cidade.

— Ah! doutor Passos! exclamou a senhora com uma physionomia afflicta, juntando as mãos.

— Eu volto. A mulher do Castro está passando mal, vou num instante e volto para passar a noite aqui. E, noutro tom, preoccupado, enrolando um cigarro, disse:
— E' extraordinario, francamente.

— Ella tinha adivinhado, doutor; suspirou D. Emerenciana.

— Mas... aquelle homem... Emfim... não sei. Estendeu a mão á senhora e deu alguns passos. No limiar da porta recommendou:
— Não a deixem só, distraiam-na até que chegue o remedio e, se eu ainda não tiver voltado, dêem-lhe uma colher de sopa bem cheia, de meia em meia hora.

Sellado um dos melhores cavallos o Dr. Passos partiu a bom galope. Já o sol, amortecido, esquecia em sombra trechos de paizagens e as cigarras começavam o seu concerto vesperal.

Diante da cidade, avistando as primeiras casas, o medico guiou o cavallo para um desvio que levava ao cemiterio, affrontada garganta ingreme, sombria como um tunel, entre o arvoredo. O Nathario coveiro cantava diante da casa, entre sarrafos e maravalhas, com o martello á mão porque, quando não tinha covas a abrir fazia bancos e carros para crianças que mandava vender á cidade, pelos filhos. Vendo o medico passou a manga da camisa pela fronte abaçanada, limpando o suor e exclamou :

— Oh ! senhor doutor ! por aqui...
Apeando-se o medico perguntou logo,

emquanto um pequeno ruivo, em fraldas de camisa, tomava as redeas para prender o cavallo que arquejava:

— Onde foi enterrado o Donato, Nathario?

— O collector?

— Sim.

— No quadro novo, lá em cima, perto da cerca. Porque, seu doutor?

— Vamos até lá. O coveiro desceu as mangas da camisa, accendeu o cigarro e foram os dois subindo por entre as covas rasas; algumas já desappareciam cobertas de matto do meio do qual subiam as placas negras, de ferro, com um numero. Para baixo, no quadro antigo, havia tumulos de marmore e um alto mausoleu com anjos nos angulos e uma grande cruz na cuspide central. Cyprestes e casuarinas povoavam aquella solidão; passarinhos voavam baixo cruzando-se e os grillos solitarios cantavam. Ao chegarem perto dos espinheiros em flor que limitavam o cemiterio o coveiro, detendo-se, poz-se a coçar a cabeça com desespero e, saltando para uma cova tumida, furioso, fez um gesto de ameaça:

— Palavra de honra! eu ainda um dia venho para aqui com a espingarda e dou cabo de um por um!

— Que é, Nathario? perguntou o medico empallidecendo.

— Pois o senhor não está vendo isto? São os porcos de seu Manoel Valente que vêm aqui fazer pagode, mas eu ainda perco a cabeça e depois não se queixem. Já não é a primeira vez. Vem aqui um parente do homem, vê isto e vai dizendo que eu sou um relaxado. O medico olhava. A sepultura estava profundamente revolvida e o caixão apparecia em parte entre-aberto enlameado, com os galões de ouro já amarelecendo e uma velha corôa de *biscuit* que descera á terra com elle. O medico meneava a cabeça e, sem mais dizer, voltou para tomar o cavallo que o pequeno passeiava diante da casa.

— Olhe, seu doutor, se eu pregar uma carga de chumbo nos taes diga lá embaixo porque foi. Ainda bem que o senhor viu. Eu já fallei a seu Manoel Valente mas elle não faz caso... Só mesmo a tiro.

Anoitecia quando o medico montou a cavallo despedindo-se de Nathario; soavam

as badaladas lentas da Ave Maria. Partiu a caminho do sitio. Sceptico, inaccessivel ao medo, ia com o coração apertado mas, ouvindo no matto sombrio um estranho rumor como de aves que abriam o vôo, assustadas, voltou a cabeça e logo, num impeto, cravou as esporas no cavallo que arrancou em desabrida carreira pela estrada, silenciosa e deserta, que os vagalumes salpicavam de luz.

INDICE

PASSIONARIAS

IDYLLIOS

NATAL DOS TRISTES

ROMANCES

NOVELLAS